ALIPIO BANDEIRA

JAUAPERY

MANÁOS - 1926

ALIPIO BANDEIRA

COLEÇÃO
Agnello Bittencourt

Jauapery

MANÁOS — 1926

DEDICATORIA

Dedico este livrinho a Bento Lemos, José Bezerra Cavalcanti, Luiz Bueno Horta Barbosa, Antonio Martins Vianna Estigarribia, Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, Virgilio Bandeira e Arthur Bandeira, devotados campeões da causa indigena; aos integros concidadãos General Americo Almada, pelos muitos beneficios que fez aos botocudos catarinenses, e Tenente-coronel Argollo Mendes pela simpatia que consagra á infeliz raça americana.

A. B.

Margem, 29 de Junho de 1926.

PREFACIO

Este opusculo foi começado em Março de 1922, na cidade de Itú (S. Paulo), e, varias vezes interrompido e outras tantas retomado, participou dos contratempos e peripecias em que se achou o seu autor, com quem se transferiu a diversos logares até acabar aqui, na Margem, quasi no fim do anno, e isto porque houve o proposito de comemorar com ele e outros escritos indigenas o centenario de nossa Independencia.

Resente-se, pois, naturalmente, como em geral todos os seus trabalhos, da falta de assento material desse autor intermitente e ambulante, aliás bem poucas vezes ajudado por disposições mentaes adequadas, o que é proprio e carateristico dos tristes dias que correm.

O leitor apanhará, sem duvida, os defeitos, innumeros, que d'ahi resultam, e dará de mão a todos para só considerar o que no caso merece consideração, a saber — a defesa do nosso bom e desvalido indio.

Margem do Taquary, Festa universal dos mortos de 134 (31 de Dezembro de 1922).

A. B.

I

"Quem subir ao Rio Negro a partir de Manáos num desses pequenos vapores fluviaes que servem ás comunicações deste rio até ás grandes cachoeiras, pode ter a certesa de que nos primeiros dias de viagem a conversação dos passageiros versará sobre os "indios bravos" do rio Jauapery, os temidos "antropofagos".

Assim começa o Dr. Theodor Koch-Grünberg, naturalista alemão, o prefacio do folheto — *Die Yauapery,* de Georg-Hübner. E explica adiante:

"Quanto á reputação de antropofagia de que gosam geralmente os Jauaperis, não existe a menor prova disto. O unico facto que Barbosa Rodrigues cita como sinal de cannibalismo é que esses indios em 1865 despedaçaram o cadaver de um caçador, tiraram-lhe os ossos e colocaram os tendões sobre um girão." (Gerüst).

E' verdade o que diz. Essa ingrata e caluniosa popularidade, em que, como de ordinario, prevalece a lenda sobre a realidade dos factos, provém da guerra de morte que ha quasi 70 annos sustentam esses selvagens contra os invasores das suas terras, que em regra são tambem profanadores dos seus lares.

Entenderam de resistir á opressão que lhes foi levada ás suas proprias malocas, e ganharam por isto o nome de ferozes e até de antropofagos, sendo para os seus perseguidores prova de ferocidade o se defenderem com ardor e bravura, e de antropofagia o terem antigamente feito das tibias dos inimigos vencidos instrumentos de musica.

Como se vê o libelo é fraco, fraquissimo. Vejamos a contestação.

Habitavam outrora o rio Jauapery os Caripunas e Cericunâs de uma só nação e os Atruais, Assahís e Aruaquís de outra, que passa por ser a dos Uaymirís, parecendo de moderna proveniencia as tribus denominadas Parauary, Amparo, Cabinaro e Suare, de que atualmente ainda se encontram ali familias.

Eram indios guerreiros e como tal viviam em lutas com os seus visinhos mais proximos os — Carayás, os Cocuanas e os Jumas da costa fronteira; os Manáos, Paravianas e Uranacoacenas de Aracary, hoje Carvoeiro, acima da confluencia do Rio Branco, sem falar nas guerras periodicas e inesperadas dos terriveis Muras, salteadores de longo curso, então.

As primeiras entradas de civilizados fizeram-se naturalmente pelos grandes rios, de sorte que ficaram esses indios durante mais de duzentos annos resguardados de taes invasões no seu retiro.

Em principio do seculo XIX começaram a sofrer incursões dos exploradores, mas eram ainda bastante fortes para contel-os a distancia, causando-lhes mais danos do que sofriam. Dessas pugnas, sempre rapidas e encarniçadas, correram vozes que conferiram aos habitantes do Jauapery os fóros de crueldade e perfidia, com que, á semelhança dos seus irmãos Parintintins, dos altos afluentes do Madeira, foram conservando a inviolabilidade dos seus lares.

Um longo periodo de calma seguiu-se a essas primeiras investidas, mas a fama de braveza ficou tradicional e mais ou menos mesclada de contos lendarios, bordados em torno de factos veridicos.

Era esta a situação quando em 1855, em busca de caminho terrestre para os campos do Rio Branco, mandou o governo do Amazonas ao Capitão Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães que o procurasse pelo Jauapery, cujas cabeceiras supunha estarem perto daquelles campos.

O Capitão, com uma numerosa comitiva, composta de 43 homens, subiu durante 45 dias o Jauapery e um seu afluente, que denominou Miranda, encontrou diversas vezes signaes e vestigios de indios, mas não viu um só, nem foi jamais incommodado. O mesmo se deu na volta.

No rio Miranda, discordando de seus companheiros, que ouviram latidos de cães e tropel semelhante a dansa de selvagens, convenceu-se de que não havia gente porque, ao contrario do que devia acontecer, os animaes ribeirinhos vinham reconhecer as canôas, como se não tivessem nenhuma noção do perigo que o homem representava.

O resultado dessa expedição foi nulo para o fim projetado, e desastroso para a paz dos indios. Já no anno seguinte Manoel Pereira de Vasconcellos, a mando do presidente João Pedro Dias Vieira e sob pretexto de catechese, entrou no Jauapery com 50 guardas nacionaes armados, e, depois de matar e saquear quanto pôde, ateou fogo á maloca salteada.

Recomeçou a luta entre civilizados e selvicolas. Principiaram estes por atacar individuos e em breve passaram a assaltar as chacaras e sitios da vizinhança.

Em 1865 tentaram acometer a villa de Moura.

Em 1872 (Dezembro) pozeram em pratica esse velho projeto, assenhoreando-se dela. Em Janeiro de 1873 uma grande força mandada pelo governo do Amazonas como represalia ao assalto de Moura fez entre os indios uma terrivel matança que se prolongou intermitentemente e em pequena escala por todo o anno de 1874.

Durante 31 annos, ainda que frequentes e implacaveis, reduziram-se as lutas a assassinios individuaes de parte a parte, exactamente como sucedera no interregno anterior de 1856 a 1873.

Finalmente em 1905 nova mortandade, a mais estupida e cruel de todas, foi feita nos incolas do Jauapery por uma expedição militar do governador do Amazonas.

Duas vezes tentou-se guarnecer o rio com destacamentos militares. Os destacamentos não se poderam manter.

Tres vezes experimentou-se a catechese.

O missionario da primeira parece que cuidava mais das fraquezas humanas do que das cousas celestes, e isto explica o facto de se ter "encantado" juntamente com a sua lavadeira. Os frades chefes da segunda e terceira tinham evidentemente mais geito para bandoleiros do que para evangelisadores.

Suas missões duraram apenas o tempo necessario para chegarem a meio rio e descarregarem sobre os selvagens as armas que conduziam.

A' volta já não foi missão, nem zêlo apostolico, nem curiosidade, nem especulação; nada sinão apenas pavor.

Esse ligeiro escorço historico mostra claramente que não lhes cabe, aos Jauaperys, a culpa da má fama com que são conhecidos. Só cinco ou seis sortidas e sempre em desforra, fizeram para agredir o inimigo nos proprios lares dele, ao passo que mais de cem vezes foram atacados nos seus.

Sendo tão perseguidos e mal tratados, nunca empregaram contra os seus adversarios setas envenenadas, e podendo tirar uma vingança implacavel no dia em que tomaram Moura, não o fizeram.

Foram mortos por ambiciosa concurrencia, por inutil malvadez e até por simples covardia do civilizado, mas em todos esses casos, para o publico ou para a historia, os criminosos e barbaros, os ferozes eram sempre eles.

Aqui está, entretanto, a opinião de Koch-Grünberg, que não é sentimentalista:

"A viagem de Payer provou tambem que esses indios têm, é verdade, todos os defeitos de um povo primitivo, mas que no fundo são bôa gente e que todas as crueldades anteriores do governo podiam ser evitadas si se tivesse tido desde o principio um procedimento racional."

Quando estive no Uatumâ, em fins de Julho e principio de Agosto de 1911, soube que esses indios costumavam frequentar esse

rio em certa época do anno e que eram ahi frequentemente assassinados por um hespanhol, o Snr. Moreno, morador da Cachoeira Maximiana. Chegado á casa desse homem, perguntei-lhe como se davam esses encontros e porque motivo atirava nos selvagens, e ele me informou, sem sombra de pêjo ou remorso:

— Sai um deles á boca da mata e diz: *maiá;* a gente passa-lhe fogo e corre.

— Que quer dizer maiá? — indaguei.

— Não sei, respondeu-me.

— Mas, snr. Moreno — obtemperei — maiá pode ser uma palavra de simpatia ou de negocio e nesse caso, bem vê o snr., seria de uma atrocidade inominavel o seu procedimento; mas ainda que seja uma palavra de agressão, é isto motivo para matar uma pessôa? E nunca notou o snr. que não é grande prova de coragem disparar o seu tremendo rifle em um homem armado apenas de arco e flecha, e ainda por segurança correr?

A todas essas observações o snr. Moreno objetou apenas que indio é *bicho traiçoeiro!*

Quando em Novembro desse mesmo anno visitei o Jauapery já conhecia a significação da palavra — *maiá.*

Quer dizer — facão.

Assim, vinha o infeliz selvagem das suas brenhas á procura de um facão — objeto preciosissimo para quem só dispõe de instrumentos de pedra e precisa abrir a mata do Amazonas; seu intuito não era pedir, mas negociar pelos seus frutos silvestres ou pelos artefatos da sua rudimentar industria; propunha a transação na sua lingua, a unica lingua do seu conhecimento, e a resposta que lhe davam era a descarga da Winchester!

Que idéa ficará fazendo da civilização e do civilizado essa misera creatura quando escapa das balas com que atendem á sua innocente proposta?

Sob a impressão desse doloroso e immerecido passado que eu, a meu pesar, recordava e revia em todos aqueles pontos que a guerra ensanguentára, passei pelo Jauapery de coração consternado, ouvindo gemidos e maldições no vozear noturno da selva, vendo por toda a parte sombras e cruzes, as cruzes de um martirio que não acaba, as sombras errantes dos mortos, dos seus pobres, dos seus insepultos, dos seus desconsolados mortos.

Desde esses dias merencorios procuro em vão expressões com que transmita ao publico o meu fundo sentimento de tristeza, entusiasmo e vergonha: — tristeza de ter conhecido tão grande e longo sofrimento; entusiasmo de ter contemplado tanta coragem e tanta confiança dos martires; vergonha, pesada vergonha de pertencer a uma época em que taes crimes são possiveis.

Não achei, não acharei esse ardente verbo solitario, filho do genio e da paixão.

Não basta que o sangue da raça fale na minha vóz e chore nas minhas nenias e clame e troveje e verbére nas minhas imprecações. Tenho algumas vezes enflorado de louros o sacrificio das vitimas e tenho coberto de estigmas a vitoria dos algozes.

Nada mais do que isto, infelizmente!

Armado com o vocabulario dessa nossa doce lingua maleavel, insinuante e sedutora, não poupei esforços, é certo, mas debalde!

Onze annos depois recebi do Jauapery, entre outras muitas, a fotografia que figura na capa deste opusculo. Representa, como se vê, uma india de cerca de 30 annos.

Será, talvez, engano dos meus sentidos, mas estou convencido de que essa fisionomia resignada e dolorosa exprime sem nenhuma palavra o que eu não pude traduzir dispondo de todas as palavras da nossa amavel lingua tão sentimental e tão sugestiva.

II

Não se sabe com certeza a proveniencia dos indios que habitam atualmente o rio Jauapery. Ignora-se tambem o seu numero e até o nome generico que lhes deve caber.

Barbosa Rodrigues chamou-os de Crichanás, sem de nenhum modo justificar semelhante denominação; Richard Payer, de Jauapery e Uamiry; Georg Hübner, de Jauapery, Paravary, Atruahy, Amparo, Suare e Kabinaro. O grupo com quem travei relações em 1911 apresentou-se como sendo Atruahy. Na verdade, porém, a razão parece estar do lado da gente de Moura, segundo a qual pertencem esses indios á grande nação Uaimiry, (*) dividida nos varios ramos que trazem os nomes citados e outros, desconhecidos, que moram nas cabeceiras do rio. Tudo com efeito, indica que o rio Jauapery é povoado por numerosas grandes familias, restos de antigas tribus, que falam com pequenas variantes uma lingua comum, que têm suas malocas muito separadas umas das outras e que se guerreiam continuamente, não de certo, pela concorrencia na caça e pesca, ainda abundantes naquelas plagas, mas provavelmente por pequenas rivalidades infantis muito habituaes entre os selvagens. Do pouco que pude entender os que comigo trataram, conclui apenas que ha no Jauapery diversos bandos, com nomes e costumes diversos. De Crichanás é que não tive a menor noticia, por mais que indagasse e insistisse.

Devemos, pois, concluir que ou Barbosa Rodrigues enganou-se, ou a tribu com quem esteve em 1884 já não existe no Jauapery. (**)

(*) — Barbosa Rodrigues condena este nome, mas nada prova contra elle.

(**) — Hypothese feita por Koch-Grünberg — *Die Jauapery,* von G. Hübner Einleitung, etc. von Koch-Grünberg.

Convém aqui acrescentar que não ha na tradicção nenhum apoio á opinião desse naturalista, a menos que se identifiquem os Crichanás com os Cericunás, como fez o mesmo Barbosa Rodrigues. O ouvidor Sampaio dá como habitantes do Jauapery em 1775, os Aruaquís, os Caripunas e os Cericunás. O Capitão Ribeiro Guimarães em 1855 já não fala nestes e sim nos Assahís, "contra quem jnão tem aparecido queixa alguma" e nos Uaimiris "mal afamados." Sea como fôr, já nesse tempo, não obstante o que por engano afirma em contrario Barbosa Rodrigues, era o rio Jauapery guardado valentemente pelos seus bravos moradores. É o que se deprehende das seguintes palavras do Capitão Ribeiro Guimarães nas observações finaes do seu relatorio: — "Ao passo que cahiu por terra — diz ele — esse terror panico, que se havia espalhado entre o povo, de que os gentios defendiam a entrada do Jauapery».

Muito pouca cousa, pois, sabe a historia a respeito desse rio e de seus indios.

Houve em meados do seculo XVIII no lugar chamado Tauacuera, á margem direita e a dois dias de viagem, em canôa, da vila de Moura, uma missão religiosa de que eram catecumenos os Aruaquís e catechisador o frade carmelita Antonio Tunaré, cujo tragico fim parece indicar que ele se tornára culpado de desmoralisação com a sua *lavadeira*, do que resultou, conforme a cronica, o misterioso encantamento de ambos numa ocasião em que, fóra de vistas, pescavam no paraná fronteiro á aldeia. Em 1855, á procura, como já se disse, de campos, que não encontrou, fez o capitão Ribeiro Guimarães sua viagem ao Jauapery. Explorou tambem o afluente que denominou Miranda, navegou ao todo 45 dias, atravessou 56 cachoeiras e, posto encontrasse frequentemente indicios de gentios, nunca viu nenhum, nem foi jámais molestado, quer no tempo que passou andando, quer no que, por forças das circunstancias, demorou encostado ás margens. Na verdade os selvagens lá estavam, mas, ou fosse porque a ocasião não era propicia ás suas excursões á beira do rio, ou porque tivessem no interior tudo quanto careciam nessa época, o certo é que não foram vistos. Já, porém, no anno seguinte (Abril de 1856) a existencia deles foi revelada barbaramente por Manoel Pereira de Vasconcellos, que subindo o Jauapery, até certo ponto, internou-se pela mata acompanhado de 50 guardas nacionaes, encontrou os indios no fim de alguns dias de marcha, fuzilou os que lhe fizeram frente e, terminada a resistencia, tocou fogo á maloca, matando ainda sob as chamas uma velha e uma creança que não tiveram forças para fugir. Começou assim a guerra de morte entre civilizados e selvicolas.

Emquanto os primeiros se reuniam para assassinar periodicamente os indios que vinham á margem do rio, assaltavam estes os raros pescadores que se descuidavam, e algumas vezes tambem se grupavam

em torno de um chefe para atacar os sitios e chacaras mais proximas. Essa luta continuou sem treguas de parte a parte, devendo-se observar, todavia, que os selvicolas quasi não faziam mal senão aos habitantes da vila de Moura, seus mais encarniçados inimigos e perseguidores, tendo pelo contrario certa simpatia pelos povoados de Ayrão, Carvoeiro e Muirapinima, que costumavam visitar. Esse estado de cousas determinou a creação em 1859 de um destacamento militar posto em "Tauacuera" afim de impedir a passagem dos indios para a fóz do rio e a dos civilizados para além daquele ponto. Em 1865 prepararam os selvagens uma agressão á vila desafeta e chegaram a inicial-a, mas recuaram em tempo.

Provavelmente por esse motivo nesse mesmo anno foi o governo do Amazonas autorizado a contratar um padre que se encarregasse da pacificação deles, o que se fez dando-se a esse catechista uma subvenção annual, um interprete, um contingente militar, pequenas embarcações para as viagens e brindes para os catecumenos.

O missionario escolhido foi o proprio vigario de Moura, frei Samuel Lucciani.

Frei Lucciani não destoou dos processos adotados pela catechese catolica desde mais de dois seculos antes. Deixou-se ficar socegadamente em Moura, e em principio de 1867 mandou ao Jauapery uma canôa com praças armadas. O resultado foi desastroso. Por imprudencia dos soldados ou por outro qualquer motivo, a canôa voltou, sem nenhuma desgraça pessoal, é certo, mas repelida pelos indios que, como era natural, desconfiaram da vizita armada do frade.

De quanto foi desmoralisada essa missão podemos avalial-o pelos trechos seguintes do oficio do presidente Epaminondas de Mello, já transcrito por Barbosa Rodrigues na *Pacificação dos Crichanás* e dirigido a frei Lucciani: "A missão contratada com a Presidencia não podia ser por V.m abandonada e entregue á força publica.

Do seu oficio de 8 de Março, a que com este respondo, vê-se o que acabo de dizer.

V.m mandou a força publica ter com os indios, não acompanhando-a, e da imprudencia do chefe resultou que os indios embraveceram e frecharam os guardas nacionaes.

Si o missionario tivesse acompanhado a diligencia, ter-se-hiam evitado sem duvida os ferimentos e dado alguns passos em favor da catechese.

Pede-me que augmente o destacamento até 50 praças, de onde se conclue que é esteril e inutil a sua missão.

A força publica o governo mandará, independente do contrato que fez, quando entender conveniente, e si só com a força publica é que pode-se chamar ao gremio da civilização os indios bravios, como V.m expõe no seu citado oficio, então o contrato deve acabar."

A situação permaneceu no mesmo pé de guerra.

Dada, porém, a diferença de recursos, os indios eram sempre 10 e 100 vezes mais sacrificados do que os seus adversarios.

Resolveram, pois, novamente atacar a vila de Moura, o que fizeram com tamanho geito e pericia que, estando suas malócas a muitos dias de viagem da referida vila, quando os mourenses deram pelo facto estavam cercados por todos os lados, exceto pelo rio, na manhã de 12 de Janeiro de 1873.

O pavor foi geral, mas o dano foi insignificante á vista das proporções da investida.

A população, avaliada em 100 almas, refugiou-se na ilha Curupiari, fronteira ao porto, sofrendo apenas a perda de duas pessôas e um saque de pequenissimo valor, porque, afinal, o que interessava aos assaltantes eram justamente os objetos de diminuto preço: facões, machados, pregos e uma ou outra missanga.

Mas si os efeitos da agressão foram, relativamente, quasi nulos, o mesmo não se pode dizer da represalia, tão espaventosa quanto deshumana.

Chegando a Manáos a noticia da ocurrencia, o presidente da provincia despachou immediatamente para Moura uma força de artilharia e infantaria sob as ordens do proprio comandante das armas, coronel João do Rego Barros Falcão, a quem foram tambem fornecidas duas lanchas.

A expedição chegou ao seu destino a 18 de Janeiro.

Já os selvagens haviam abandonado a vila, si bem que para armar ao efeito digam partes oficiaes que eles foram repelidos pela força do coronel. O certo é que esse militar saiu com suas lanchas á procura dos indios pelos lagos e igarapés das redondezas e manchou com uma carnificina miseravel a sua missão e a sua memoria.

Os que encontrou — e eram mais de uma centena — foram trucidados impiedosamente, sem que se olhasse idade, sexo ou estado.

Nem siquer ocorreu aos algozes, para lhes moderar a furia sanguinaria, este simples raciocinio: que se fossem os selvicolas realmente ferozes como se dizia, suas numerosas ubás, dadas posteriormente, com requintado cinismo, como vazias por se terem afogados os tripulantes, teriam sido conduzidas para o porto de Moura afim de transportal-os á ilha de Curupiari, onde facil lhes seria matar toda a população desarmada, não precisando empregar nisto mais do que cacetes e pedras.

Mas a sorte dos indios é sempre esta: por um pequeno mal que façam encontram ordinariamente governantes que põem a sua mentalidade abaixo da deles para punil-os com atrocidades em vez de procurar educal-os ou de reconhecerem que a culpa maior está na parte adversa, de quem promanam habitualmente as provocações e cujos fóros de responsabilidades são, necessariamente, outros.

Os morticinios, verdadeiras caçadas de indios, proseguiram tambem durante todo o anno de 1874 ao mando do tenente honorario Antonio de Oliveira Horta, comandante de um destacamento de Moura, onde desde então começaram a estacionar lanchas da Armada para esses hediondos cruzeiros.

Do lado oposto proseguiram tambem os ataques isolados em que muitas vezes eram sacrificados innocentes, porque para os selvagens perseguidos basta ser de raça diferente para ser inimigo, exceto quando têm motivos especiaes em contrario.

Ninguem, aliás, á vista da longa e dura experiencia deles, deixará de reconhecer a logica rigorosa de um tal raciocinio.

Nesses povoadores do Jauapery era até de notar a distinção que faziam entre moradores de Moura e moradores de Ayrão, Carvoeiro e Muirapinima, tratando áqueles com uma sêde implacavel de vingança e a estes com simpatia e benevolencia, de que nunca se afastaram.

Em 1878 nova tentativa se pretendeu fazer de pacificação e catechese entregue desta vez a frei José Maria Villa.

Acompanhado de 5 praças bem armadas e municiadas entrou o padre até dois dias de viagem, encontrou um grupo de selvicolas, travou combate, segundo declarou, por ter sido hostilizado, e, gastos os 450 cartuchos que levava, não se sabe com que resultado, voltou a Moura, abandonou a missão, e lá se foi para o Uaupés *amansar* os Macús, os Boanaris e os Uananas, que já eram ao tempo do ouvidor Sampaio, em 1775, muito bons canoeiros e sofriveis lavradores.

Em 1881 estabeleceu-se em Uirabiana, pequena ilha do Jauapery a um dia de viagem, em canôa, de Moura, um destacamento militar com o mesmo destino do que existira antigamente em Tauacuera.

Um mez depois de sua permanencia nesse logar, vendo os soldados um bando de indios a certa distancia de seu posto, logo o atacaram a bala matando alguns e apossando-se da ubá que eles, na fuga, abandonaram.

Poucos dias depois a vingança dos selvagens recaía sobre dois soldados que distrahidamente apanhavam ovos de tartaruga não muito distante de sua ilha.

O destacamento foi retirado e os selvicolas queimaram o barracão que lhe servia de quartel.

Assim terminou a ultima tentativa de policiamento daquelas remotas paragens.

Mas não terminou a guerra entre civilizados e indios, guerra que se dava dentro do reino destes, muito além da boca que defronte de Moura lança o Jauapery no rio Negro, o que por si só bastava para caraterisar a culpa daqueles.

Para que se efetuasse uma expedição armada bastava o aparecimento de selvagens em Uirabiana ou Maracacá, pontos separados de

Moura pela vasta bahia, em que está, no rio Negro e mais meio dia de marcha em canôa.

Que iam lá fazer os moradores da vila, duas vezes resguardados pela força e pela distancia, sinão provocar os seus já tão desafeiçoados vizinhos? Nem siquer podiam alegar necessidades de pesca, visto não lhes faltarem lagos e igarapés onde se abastecessem.

O resultado dessa triste luta escusada e desigual registrou-o dolorosamente Barbosa Rodrigues no seu livro.

Emquanto os gentios eram sacrificados ás dezenas e centenas em cada recontro, a historia não recolheu, desde 1846 até 1881, mais do que 52 nomes de vitimas suas e entre elas 7 indios, escravos dos seus inimigos.

Mas o rio continuou fechado á civilisação, e a lenda de ferocidade dos seus habitantes, promovida e sustentada, como de antanho, pela traficante politica dos malfeitores e dos padres estrangeiros, ficou de pé.

Nunca houve uma alma sensivel, nunca houve um governo esclarecido que se lembrasse de empregar o agrado em vez da força.

E ainda daquelas vezes, não poucas aliás, em que os selvagens se apresentaram deante dos seus algozes, inclusive dentro da vila de Moura pacificamente, em atitudes que qualquer pessôa desprevenida tomaria como promotoras de relações de amizade, até nessas ocasiões foram eles invariavelmente maltratados e repelidos.

Pessimo conceito, portanto, hão de ter de nós esses ingenuos feiticistas a quem indevidamente damos o qualificativo de ferozes e que, entretanto, nem ao menos se socorrem contra nossa crueldade de todas as armas de que dispõem?

Quem ha ahi que saiba do emprego de setas ervadas pelos nossos indios nesses ultimos 50 ou 100 annos, a não ser nas mais descompassadas trapaças do salesianismo?

A nossa insensatez neste assunto chega ao ponto de querermos que elles sejam nossos amigos quando nós os desprezamos, e que nos poupem quando nós os trucidamos.

Pelo que toca aos do Jauapery, o raciocinio não era outro sinão este.

A desinteligencia persistia, pois, e com ela o martirio dos aborigenes e algumas vezes o sacrificio dos civilizados.

Tal era a situação quando os visitou pela primeira vez, em Abril de 1884, o naturalista patricio João Barbosa Rodrigues.

Empenhado em fazer, sinceramente, a pacificação tão necessaria ao gentio como aos moradores de Moura, arrostou de animo firme todas as dificuldades naturaes da empresa e todas as que lhe crearam os interessados em manter o *statu quo* antigo.

Estes não eram poucos e — cousa singular! — pertenciam todos á vila de Moura. Barbosa Rodrigues foi tão bem recebido pelos indios

quanto mal admitido pela população civilizada que se dava como victima do furor jauaperiano.

A irredutibilidade achou-a o pacificador no meio desta, não entre aqueles, e achou tambem ahi a dissimulação, a mentira, a perfidia e a traição, todas empenhadas em anular os seus esforços.

Do lado oposto, pelo contrario, dissipada a primeira impressão de natural desconfiança, manifestada em ameaças e alaridos de colera, 15 minutos depois sentaram-se os indios tranquilamente a par dos seus desconhecidos vizitantes, com os quaes nesse mesmo dia dansavam, agradecendo assim, a seu modo, os presentes recebidos e a amizade oferecida.

Tres expedições fez Barbosa Rodrigues ao Jauapery.

Numa delas levou sua esposa e uma filha infante, o que não sómente dá testemunho da sua coragem, mas tambem da confiança que lhe inspiravam os indios.

Bem merecida era, aliás, essa confiança, á vista das disposições ordeiras dos selvagens e da fidelidade com que sempre cumpriram suas promessas.

Tendo entrementes estabelecido com todo o cabimento e muita sabedoria um *modus vivendi* para ser adotado pelas partes em litigio, viu-o constantemente obedecido pelos barbaros e continuamente desacatado pelos civilizados.

Na sua ultima viagem encontrou entre os traidores o seu proprio ex-ajudante, o alferes Manoel Ferreira da Silva.

Bastava que ele se afastasse do rio para que os traficantes o invadissem, apesar das suas recomendações em contrario, afim de negociar com os indios, isto é, para exploral-os e desmoralisal-os.

Como não conseguiram com as suas variadas manobras impedir a intervenção benemerita do naturalista, como não poderam obscurecer ou desmentir a demonstração que ele praticamente fez da bôa indole dos Jauaperis, da sua lealdade e da sua evidente vontade de viver em relações de paz e amizade com os seus vizinhos, trataram de destruir-lhe toda a obra realisada, enganando comercialmente os selvagens e provocando-os com insultos e agressões.

Assim, mesmo antes que Barbosa Rodrigues abandonasse o theatro da sua valiosa conquista, já ela estava sendo anulada, e um mez depois da sua partida nada restava daquela proteção que ele oferecera aos selvicolas e que estes haviam aceitado com as mais significativas provas de agradecimento.

Sua pacificação foi completa e decisiva, mas não teve continuidade.

Despresando os seus conselhos, o governo amazonense abandonou os indios ás mãos dos seus algozes, o que quer dizer que tudo voltou ao estado primitivo.

Ele havia escrito: — «Lanço os alicerces. Outro mais habilitado levante o edificio.»

Esse outro, se houvesse interesse da parte dos presidentes, teria sido o proprio Barbosa Rodrigues, pois no seu livro estão as provas de que ele conhecia a alma do aborigene e os meios racionaes de chamal-os gradualmente á civilização.

Mas em vez de verdadeiro desejo de salvar essa prole selvatica, que ha 4 seculos resiste aos nossos processos de destruição, o que havia era a acomodação partidaria empenhada em não perturbar os planos dos opressores, aliada á absurda convicção da imprestabilidade do indio.

Certo é que uma politica «filha da moral e da razão» aconselharia a redenção da raça pelo simples motivo de ser humana, ainda que fosse de facto inaproveitavel para o trabalho; mas onde está o sucessor de José Bonifacio, o estadista preparado pela sciencia, e rico de sentimento, para pensar e proceder assim?

O Jauapery ficou de novo segregado, voltando novamente á crença popular a lenda da ferocidade de seus filhos, os quaes, desiludidos do patrocinio dos brancos, passavam parte do tempo internados nas suas malocas, muito longe das margens do rio, e parte em excursões pelo Uatumã, provavelmente no intuito de obter por esse lado as relações amistosas que não conseguiram no seu torrão paterno.

Desse afastamento e das cautelas tomadas pelos raros pescadores que afrontavam as suas praias misteriosas, nasceu no Jauapery um tal ou qual socego, apenas perturbado de quando em quando por acontecimentos sem importancia.

Em 1901 visitou-o Ricardo Payer, que chegou até á aldeia Mahäua, onde segundo Koch-Grünberg, «foi recebido com hospitalidade, mas de onde teve de retirar-se apressadamente, diante da ganancia dos indios abandonando todos os seus trens. (*)

O naturalista alemão acrescenta que o material etnografico arrecadado pelo seu colega, acha-se no Museu de Historia Natural de Vienna, mas não nos explica como, tendo este perdido toda a bagagem (seines ganzen Gepäeks) poude salvar esse material e «um pequeno vocabulario da lingua Jauapery.»

Seja como fôr, essa viagem não passou de uma curiosidade de etnologo, sem nenhuma consequencia bôa ou má para os gentios e, portanto, sem nenhuma alteração da calma dos ultimos tempos, calma que se prolongou até 1905.

Nesse anno, valendo-se do apoio da situação dominante, Fuão Antunes, resolveu explorar o Jauapery, e para isso fundou um barracão em Maracacá, junto á boca que lança o rio defronte de Moura e que não passa de um dos ramos do seu complicadissimo delta.

(*) — *Die Jauapery,* von G. Hübner Einleitung, etc, von Th. Koch-Grünberg.

Nesse objectivo escolheu para seu preposto Fuão Vidal, a quem ajudaram os indios a construir o barracão e com quem fizeram desde então bôa camaradagem.

Vidal, terminada a obra, foi a Manáos buscar a familia e os generos com que pretendia abrir o negocio, e de volta, como era de esperar, recebeu a visita dos selvagens.

Estes, curiosos como são, invadiram a casa sem respeitar nenhum aposento e foram parar na cozinha.

A esposa de Vidal, por aborrecimento ou por medo dos visitantes, pediu ao marido que os mandasse sair, o que logo se fez.

Um dos indios, porém, chegando á porta da frente escorou-se no portal e relutou.

O barracão era, como de ordinario nos rios amazonenses, montado sobre um girão de um metro e meio, mais ou menos, de altura.

Vidal, em vez de esperar que o recalcitrante se resolvesse a partir pelo emprego de bons modos, impacientou-se e empurrou-o brutalmente, indo o infeliz cair de costas sobre o solo.

Mal se levantou da quéda, frechou o indio a Vidal, que promptamente o matou com um tiro de seu rifle.

Ao ouvir o estampido os outros selvagens, que estavam na praia junto ás suas ubás, assassinaram um companheiro de Vidal que ahi tambem se encontrava e, ato continuo, se retiráram.

Vidal, amedrontado, abandonou logo o barracão, que os gentios posteriormente incendiaram.

Quando chegou a Manáos a noticia desses acontecimentos facil foi obter-se do governador Constantino Nery uma expedição militar ao Jauapery com o fim de « dar um exemplo ».

Mais uma vez a mentalidade dos governantes ficou abaixo da dos selvagens, e mais uma vez encontrou-se o mandatario execravel que ficasse acima da sua hedionda tarefa.

Esse instrumento da malvada estupidez politica foi o capitão de policia Julio Olympio da Rocha Catingueira.

Aportando em Moura esse homem obteve da familia Horta que lhe désse por guia o jovem Manoel, tomado em creança aos selvicolas do Jauapery e, com este, duas vezes perfido, auxilio conseguiu descobrir e assolar as malocas mais proximas.

Eis como, depois de caraterisar as devastações das antigas *bandeiras*, *entradas* e *resgates*, descreve e comenta o facto um jornal contemporaneo, de Manáos:

« Pois bem: todas essas perversidades sem nome, que foram a vergonha dos bandeirantes, todos esses massacres inuteis que dizimaram os indios dos nossos sertões, naquele tempo, acabam de ter agora uma copia fidelissima nessa expedição que o governo do Estado enviou ao rio Jauapery contra os indios conhecidos pelo mesmo nome: — Os Jauaperys.

Não sabemos que crime commetteram esses pobres indios para que se lhe applicasse o castigo inaudito dessa hecatombe pavorosa que a policia executou. Retrogradamos para o seculo XVI, para a época das primeiras entradas!

Houve nessa expedição, que ha de ficar como uma pagina sinistra na historia do Amazonas, requintes de malvadez, repizamentos de crueldades.

Uma aldeia inteira de infelizes selvagens foi barbaramente incendiada perecendo na immensa fogueira todos os habitantes da *maloca*, que preferiram deixar-se matar assim a entregar-se á gente sem entranhas, que os sitiavam!

Nem a essa gente conseguiu commover aquelle heroismo tragico!
A obra revoltante foi consummada.
Morreram todos, todos!

Em outros pontos foram morticinios em massa, verdadeiras caçadas humanas em que cada qual timbrava em ser mais cruel!

E tudo isto, toda essa immensa vergonha, que nos deshonra perante a civilização, é alardeada nos cafés e botequins pelos proprios autores desse attentado repugnante.

Sabemos que não se cogita, que não se cogitará nunca de punição para esse crime vergonhoso que nos atira para mais de 300 annos atraz!

Mas o nosso protesto vehemente contra esse novo systema de catechese ahi fica nestas palavras, que os nossos sentimentos revoltados nos ditam e que nós lançamos ao publico com os mesmos estos de indignada repulsa que lhe fizeram estremecer a alma, ao ter noticia desse crime atróz!

283 *(duzentos e oitenta e tres)* indios mortos que ficaram a apodrecer ao sól, pasto dos corvos esfaimados, reclamam em desaggravo da civilisação impudentemente conspurcada, a punição dos culpados!

Mas esses culpados são homens dedicados ao governo... e nós não podemos ter illusões acerca de sua punição, restando-nos apenas este desabafo solemne com que hoje nos desforramos da magua intensissima que essa vergonha immensa nos derramou dentro da alma!»

Os abominaveis criminosos ficaram, de facto, impunes, assim os mandantes como os mandatarios.

E, para que se veja que não ha exagero na vibrante apreciação do jornalista, aqui se transcreve a fria narração do naturalista alemão Kok-Grünberg. Diz ele: — « O governo lançou mão de seu antigo processo condenavel.

Enviou uma expedição disciplinar (Strafexpedition) contra os « rebeldes », composta de 50 soldados de policia, sob o comando de dois oficiaes que, segundo informações, infelizmente fidedignas, praticaram as mais infames crueldades e mataram 300 individuos sem olhar sexo nem idade!

Quando se ouve que nessa ocasião indios em grande numero foram trancados em uma habitação e queimados vivos pelos deshumanos « civilizados » tem-se a sensação de se haver retrogradado aos peiores tempos da conquista. » (*)

Dezoito homens e uma mulher tinham sido presos e levados a Manáos.

Desses 18, escaparam 12 que tiveram permissão para regressar a seus lares, aos quaes foram reconduzidos pelo coronel Euclydes Nazareth, morador na ilha de Itarendaua, nas proximidades de Moura.

Os outros morreram de nostalgia, agravada pelo passadio irracional que, na sua ignorancia, tocada pelo remorso, lhes deu o governo.

« O tratamento — continúa Koch-Grünberg — que as altas autoridades dispensavam aos indios em Manáos, era extraordinario.

Para que eles conhecessem as glorias da civilização e para não ofender o pudor dos cidadãos, vestiram-lhes ceroulas, meias e até botinas e meteram-nos em fardas de brim dos soldados de policia.

Estavam alojados no quartel de infantaria.

Como se podia prever, alguns deles muito brevemente adoeceram em consequencia da alimentação militar indigesta, a que não estavam acostumados, e dois morreram logo depois da chegada.

Mais tarde permitiu-se-lhes que em pessôa escolhessem no mercado seus alimentos e os preparassem.

Aliás escapa-me completamente a intenção com que prenderam durante semanas inteiras em um meio tão diferente, indios que estavam habituados a uma vida de mato.

....

Em que condições essa pobre gente ficou depois de pouco tempo, vê-se de algumas ilustrações deste fasciculo. (**).

Na ocasião de serem presos alguns deles desenvolveram uma força fisica respeitavel, de modo que foram necessarios 5 e 6 soldados para os agrilhoar.

Ainda em Manáos notavam-se em alguns feridas mal saradas que eles se tinham produzido nas tentativas de romperem as cordas que lhes cortavam profundamente a carne.

Apesar dos protestos do Snr. Hübner cortaram-lhes os cabellos...» (***)

Depois dessa tremenda refrega mais se internaram os jauaperys pelos seus matos e bem poucas almas civilizadas imaginam que eles se recolheram para chorar os seus irmãos sacrificados, os que regaram de sangue a terra dos maiores e os que ficaram longe, na cidade maldita,

---

(*) – Obr. cit.
(**) – Refere-se ao opusculo de G. Hübner.
(***) – Obr. cit.

perdidos para o seu culto, porque tambem eles, os pobres selvagens, têm o seu culto dos mortos e tambem eles sofrem e morrem de saudades.

Quantas desgraças não se teriam poupado a essa raça martirisadas si antes de atacal-a lembrassem os homens que a dor é uma só para nós e para os indios e que muitas vezes mais sente um deles do que um de nós a perda dos entes queridos!

Quantas outras não se teriam evitado deante deste simples raciocinio: — que a responsabilidade não pode ser a mesma para eles, simples caçadores primitivos das selvas, e para nós — filhos de uma civilização que passou por todos os progressos do espirito humano!

Mas a sorte do nosso aborigene é tão dura que entre um Marliére e um Barbosa Rodrigues que comprehendem a sua alma, e sentem as suas maguas, e gemem da sua infelicidade, medeia um seculo de solidão, ao passo que os Constantinos abundam onde quer que a ganancia se levante para roubar-lhe o ultimo palmo de terra em que se refugia, onde quer que se enfureça a concupiscencia para desmoralisar-lhe a familia, onde quer que a hipocrisia, sob a capa traiçoeira da proteção religiosa, assente o negro aranhol em que o prende e explora.

Maculados com a injusta fama de antropofagia e ferocidade (que, certamente, cabe melhor aos civilizados que se alimentam de animaes amigos como o boi e promovem expedições militares contra selvicolas) ficaram os indios como dantes, entregues ao seu triste destino, lamentados pela piedade inutil de um numero insignificante de homens, vitimas da calunia de muitos e sem o apoio de ninguem.

Assim, de volta de uma viagem interrompida ao Rio Branco, os encontrei no seu lendario retiro, em fins de Novembro 1911, quando entrei no Jauapery.

III

Partimos de Moura no dia 23 de Novembro de 1911, ás 10,1/2 horas.

A expedição compunha-se de 12 pessôas ao todo, e era conduzida por uma lanchinha de gazolina, que rebocava ás ilhargas duas igarités e á pôpa uma pequena canôa. Entre os expedicionarios estavam o chefe politico, o superintendente e o professor de Moura e mais o snr. Euclydes Nazareth, jovial e prestimoso companheiro que durante toda a viagem sustentou o pessoal de excellente peixe que a sua habilidade sabia descobrir, apesar da correnteza do rio. A's 12,1/2 chegamos ao igarapé Maracacá, além do delta do Jauapery, no ramo que desagua defronte da ilha do Calangro.

Nesse dia alcançamos apenas Uirabiana, pequeno aglomerado de ilhas, numa de cujas praias dormimos.

A 24, ás 14 horas, chegamos a Tauacuera, pelo seu paraná que haviamos tomado 20 minutos antes. Tauacuera, ponto elevado e firme da margem direita, foi outrora séde, como já se sabe, primeiro de uma missão e depois de um destacamento militar destinado a impedir a passagem dos indios para a fóz do rio. Ás 17,1/2 horas estavamos na ilha da Sapa, onde começamos a encontrar vestigios dos selvagens.

Já nesse dia lutamos com dificuldades, que foram sempre crescendo, por motivo dos baixíos do Jauapery.

A 25 dormimos na ilha de Samaúma, a 26 um pouco acima do lago Idiapára, a 27 numa praia entre os lagos Uatucurá e Curê-curê e a 28 na costa do Chiparinana.

Todas essas rações de marcha foram, na verdade, muito pequenas, já porque a falta dagua tornava demasiado morosa a travessia, já porque a minha lanchinha se desconcertava frequentemente.

Ás 9 horas do dia 29 chegamos a Mahána, segundo trecho de terra firme que nos depararam esses falsos barrancos.

Escolhi-o para armar acampamento, porque a vasante não nos permitiria ir muito adiante.

O rio corre até ahi na direção geral de norte-sul, recebe afóra diversos igarapés, os dois afluentes Chichiuahú e Chiparinana, e é de aguas escuras, muito sinuoso e estreito, salvo na barra e até mais ou menos 10 leguas acima, onde terá de 1500 a 1600 metros. Seu leito arenoso e formado de bancos que se deslocam, é bordado de ilhas, entre as quaes algumas de grande vulto como a Taunahú, a Grande, a Sumaúma e a Uatucurá. Com ser despovoado á beira, não deixa de ser rumoroso durante o dia e o é grandemente á noite, quando varias especies de macacos, aves e passaros notivagos enchem de vozes diversas aquelas solidões aparentemente desertas. Nas suas praias muitas vezes vimos rastos de onça, anta, porcos, veados, lagartos e de uma pernalta que, a julgar pelo pé, deve medir um tamanho colossal.

As margens são argilosas, geralmente baixas e pobres de vegetação, aliás enredada de trepadeiras.

A temperatura, que é de 34 a 36 gráos á sombra durante o dia, desce pela madrugada a 24, 23, sendo então muito sensivel a humidade, que se torna verdadeiramente incomoda nas manhãs chuvosas.

Segundo os velhos relatorios de Pedro Affonso Gato (1787) e Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães (1855) muda o Jauapery de rumo após a sua segunda cachoeira e coleta na margem direita o rio Macucuahú e o Campina e na esquerda o Bonaná, o Alalahú e o Miranda.

Afirma o segundo destes viajantes que o Jauapery «é abundantissimo de castanha doce e andiroba» e tem muito breu, «muito angelim e outras madeiras de construção civil e naval».

Veremos adiante que essas riquezas constituiram, como sempre, o infortunio dos indios. Por emquanto voltemos a Maháua, onde, como ficou dito, aportamos ás 9 horas do dia 29 de Novembro. Logo que saltamos em terra avistamos junto a uma ilha, um pouco a jusante, quatro indios, dos quaes tres tripulavam uma ubá e um andava na praia e algum tempo depois embarcou. Esse facto demonstra que eles, conforme haviamos percebido, tinham acompanhado ás ocultas a expedição e escolheram para se apresentar o ponto em que, segundo calculavam, seriamos obrigados a parar. Fizemos-lhes signaes para que se aproximassem e eles dirigiram a ubá para o nosso lado.

Não esquecerei jamais, ainda que viva cem annos, a comovente impressão, misto de piedade e entusiasmo, que me deixou esse primeiro encontro. Assim que chegaram ao alcance da vóz começaram a gritar, todos ao mesmo tempo, formulando perguntas de que, com o reduzido vocabulario que haviamos adquirido em Moura, apenas apanhavamos as palavras destacadas.

Respondiamos oferecendo os objetos de que eles faziam maior caso, como facões e machados. Eles remavam um pouco, propunham

novas questões, gesticulavam rudemente, ás vezes ameaçavam de arco armado, outras como que pediam misericordia.

Quanto mais perto estavam de nós, maior empenho punham em ser entendidos, maior pavor e vacilação em se aproximarem.

Paravam, retrocediam, remavam de novo para o nosso lado, tornavam a retroceder, tudo isto no mais « copioso falar » que se possa imaginar. Na impossibilidade de satisfazel-os nas suas longas perguntas, nós lhes mandavamos palavras afetuosas da sua lingua, mostrando-lhes ao mesmo tempo os nossos brindes.

Nada menos de meia hora — tal era a irresolução — gastaram esses indios para vencer a distancia de 500 metros que a principio nos separava deles. No meio daquella tragica duvida em que se encontravam, e que facilmente comprehenderá quem quer que conheça a historia dos nossos atribulados aborigenes, houve um momento em que um joven que viamos erecto á prôa voltou-se para os tres companheiros, dirigiu-lhes algumas rapidas palavras e estendendo com uma energia selvagem o braço direito para a frente, alvitrou-lhes, ao que parece, que a sorte estava lançada. D'ahi por deante não hesitaram mais.

Impeliram velozmente a ubá para o nosso porto, encostaram-na e lepidos e arrogantes saltaram em terra, ao mesmo tempo que mostravam as cousas que traziam: — arcos, flechas, bananas e macacheiras.

A primeira cousa que perguntaram foi se tinhamos facões, isto é, *maiá*, como já sabemos.

A situação era clara. Eles não vinham satisfazer a sua curiosidade. Vinham jogar a vida para obter instrumentos de que tanto careciam na mata do Amazonas, que derribavam com machados de pedra!

Não vinham tão pouco pedir, vinham negociar, oferecer em troca da nossa ferramenta os pobres produtos da sua industria e das suas brenhas.

Eram dois rapazes de 20 e poucos annos, um de 17 ou 18 e um 14 ou 15. Não eram, pois, 4 homens. E que fossem! Quando se têm presentes as atrocidades praticadas contra os indios do Jauapery; quando se sabe que eles nunca foram poupados, bastando para serem agredidos que os visse o civilizado; quando se recorda que a ultima expedição que subiu esse rio foi um pelotão de assassinos, que varreu a bala e fogo todas as malocas encontradas, fica-se abismado de vêr 4 deles sómente, dispondo apenas de arco e flecha, apresentarem-se diante de 12 civilizados desconhecidos, provavelmente, conforme a experiencia de todos os tempos, 12 inimigos formidavelmente armados!

Junto a nós, nos primeiros minutos, mostraram-se extremamente apreensivos e, com a atenção dividida entre as barracas e a ubá, quando faziamos qualquer movimento inesperado corriam assustados para o seu barco. Tratamo-los com todo o carinho, e tudo fizemos para que se convencessem de que as nossas intenções eram amistosas e bôas.

Pouco a pouco se foram habituando á nossa companhia e de tal modo acreditaram em nossas promessas e demonstrações de afeto que, depois de terem recebido tudo quanto desejavam, demoraram mais de 3 horas no acampamento, banharam-se com alguns dos nossos homens num ponto muito afastado e almoçaram comnosco, tagarelando incessantemente, e sempre muito alegres. Eram então apenas tres, porque o menino de 14 ou 15 annos, mal desembarcou, embrenhou-se na mata e só o tornamos a vêr quando seus companheiros, de regresso, o receberam na ubá, a cerca de 600 metros numa volta do rio.

Dei-lhes muita ferramenta e roupa; poucos brinquedos e missangas quizeram aceitar. Revelaram grande repugnancia pelos bonecos e irritadiça, invencivel ogerisa pelas sanfonas. É curioso que assim as repelissem ao mesmo tempo que recebiam gostosamente gaitas e realejos de boca, nos quaes punham-se logo a tocar, dansando. Pareceu-me achar uma explicação rasoavel para essa extranha diferença no facto de terem porventura sofrido algum insulto de individuo que os houvesse atraido com o toque da sanfona. Seja como fôr, bastava que eu lhes mostrasse um desses instrumentos, o que duas vezes fiz afim de que vissem que ele não tinha em si nada de mal — bastava isso para que se zangassem praguejando e ameaçando céus e terras.

A tudo pretendiam eles dar remuneração, e era de vêr como acreditavam pagar um bom machado com um pedaço de macacheira ou de beijú ou com uma banana quasi imprestavel de movida.

Á semelhança dos nossos matutos do Nordeste, reconheciam a bôa ou má qualidade do ferro dele tirando com a unha do polegar direito o som indicador. Como adquiriram essa experiencia é cousa dificil de apurar, dada a sua inteira segregação na floresta. O certo, porém, é que não se enganavam absolutamente. Um facão Colins era *uamarê* (muito bom), mas a um ordinario logo aplicavam a palavra *marupá* (não presta).

Para que comprehendessem claramente que o meu desejo era fazer-lhes presentes e não negociar, não quiz eu a principio receber os objetos com que retribuiam as minhas dadivas; tendo, porém, percebido que eles ficavam com isto algum tanto desconfiados e tristes ao passo que insistiam para que eu aceitasse os seus arcos e flechas, suas batatas e suas frutas, passei a recolher tudo, dando-lhes novos brindes afim de salientar o mais que fosse possivel a nossa generosidade.

A certa hora quiz fotografal-os, mas duas vezes tive de desistir do intento porque todos se assustavam e procuravam fugir quando eu apontava para eles a machina. Mepry (anta), o tal que parecia comandar os outros quando decidiu encostar em nosso porto, tinha a habilidade, em que era peritissimo, de imitar passaros e quadrupedes, e com isto prazenteiramente nos divertiu durante longo tempo. Era um espirito amavel e chistoso que prolongou a sua exhibição arremedando com

admiravel graça e muita justeza os gestos carateristicos de alguns de nós. Esse fez questão de aprender o meu nome que ele, não obstante o esforço despendido, transformava de Bandeira em *Pandéra*.

Quando bem lhes pareceu, seguiram um após outro para a praia, meteram-se na ubá e lá se foram embora sem nenhuma satisfação ou despedida.

Passei ainda em Maháua o dia 30 de Novembro, e a 1 de Dezembro, vendo as aguas baixarem cada vez mais, e tendo realisado o fim essencial da excursão, que era o estabelecimento de relações com os habitantes do Jauapery, resolvi descer o rio, não sem esperanças de encontrar alguns deles pelo caminho.

Não me enganava. Partimos de manhã cêdo e ás 16 horas avistamos á boca de um igarapé uma ubá com dois indios, os quaes assim que nos viram começaram a acenar mostrando uma ilha proxima.

Mandei virar a minha lanchinha para o rumo indicado e em breve achei-me na fóz de um outro igarapé do lado oposto da ilha.

Os dois selvagens remavam com agilidade tamanha que chegaram ao mesmo tempo que nós, apesar de estarem a distancia mais ou menos igual. Um deles era Mepry, o esbelto e guapo rapaz nada semelhante ao animal cujo nome trazia. Entraram um pouco os dois pelo igarapé e chamaram em altas vozes seus companheiros previamente avisados e á espera. Dahi a poucos minutos apareceram 3 ubás trazendo 29 pessôas entre homens, mulheres e creanças. Mandei immediatamente fazer distribuição de brindes.

As mesmas predileções e as mesmas repugnancias dos visitantes do acampamento encontramos nos novos conhecidos. Até as mulheres preferiam ferramenta, e especialmente facões, a outra qualquer cousa.

Pouca importancia davam aos brinquedos e missangas e a mesma ogerisa revelavam pelos bonecos e sanfonas.

As que traziam filhos, ainda que de peito, reclamavam ferramenta para eles e, si mais de um filho tinham, para cada um deles reclamavam separada e sucessivamente. A uma expansiva mocinha de aproximadamente 15 annos ofereci uma linda boneca; ela segurou-a sem demonstrar desagrado, mas no mesmo instante atirou-a ao chão com violencia, estampando-se-lhe então no rosto a raiva que lhe causava semelhante brinco. Uma velha, a quem parecia que todos respeitavam sumamente, apanhou a boneca, entregou-m'a com delicadeza e reprehendeu asperamente a culpada.

Os homens, sempre com o espirito de comerciar, e não de obter favores, não deixavam de pagar fosse com que fosse, os brindes que recebiam; as mulheres, porém, nada indenisavam.

Os meninos queriam, como os homens, negociar, mas guardavam os presentes e iam ficando com o seu pequeno arco, com o seu

beijú e a sua macacheira que só entregavam quando alcançavam o objeto mais precioso, o qual era invariavelmente o facão. E — cousa inesperada! — as mulheres que, como assignalei, nada recompensavam do que lhes era dado, obrigavam os pequenos indios a recompensar tudo, por mais que relutassem estes em fazel-o.

Digno é de mencionar-se que estando os meus caixões de brindes abertos e á vista de todos, nenhum indio, tanto no primeiro como no segundo encontro pegou em cousa que não lhe fosse previamente ofertada e só um, dentre tantos, pedia de vez em quando aquillo que mais o seduzia. Esse era severamente criticado pelos seus, sempre que assim procedia.

Não menos dignas de registro são a inaudita coragem e a confiança ingenua dessa pobre gente, a quem tantos agravos, tantas perfidias e traições não conseguiram mudar ainda a natural credulidade. Fica patente a injustiça com que os acoimam os ignorantes e desconfiados quando se vê que, fundados apenas em um primeiro contacto, cuja benevolencia bem poderia ser, como tantas outras, um laço da insidia, trazem suas mulheres e seus filhos á presença sempre suspeita do civilizado. Ao meditar nesse facto, tratando-se, como era o caso, de indios inteligentes, pareceu-me que á sua admiravel bôa fé devia juntar-se para um tal resultado, a nitida comprehensão que têm da superioridade da nossa industria, cujas vantagens com tamanho afan, desejam e procuram.

Excetuadas as expedições militares que, conforme é de uso, não escondiam seus intuitos, todos os outros seus malfeitores não tiveram no começo procedimento diferente do meu, isto é, agradavam primeiramente os selvicolas, faziam-lhes promessas falazes e, quando estavam suficientemente adiantados na intimidade das suas vitimas, descarregavam sobre elas os seus golpes traiçoeiros.

Eles não tinham, pois, motivos exteriores, mas sómente os da sua propria organisação cerebral, para acreditar na minha sinceridade.

A frequencia com que esses indios tentaram antigamente relações com a vila de Moura é, por outro lado, uma confirmação das suas bôas disposições.

Eles estariam desde muito incorporados á civilisação si ela os houvesse apenas recebido, o que, sendo tão pouco e tão facil, não quiz jámais fazer. Por ocasião da nossa partida deram as mais francas demonstrações de gratidão e afeto. Mepry, á ultima hora, gritava, correndo, pelo meu nome, para entregar-me o derradeiro, o mais escolhido presente.

Chamando eu a atenção dos meus companheiros para essa prova de delicadeza, um deles me observou que esse mimo fôra mandado entregar pela velha a quem já me referi e que parecia gozar entre eles de grande respeito.

Á frente da ilha que deixavamos estendia-se o rio numa longa reta de mais de 2 kilometros e, emquanto a lanchinha vencia essa distancia, permaneceram os selvagens na praia a mandar-nos palavras e gestos de amistosa despedida.

O mesmo haviam feito outrora a Barbosa Rodrigues, dando assim claras mostras da sua indole afetuosa.

Não sei porque naquele fim de tarde morna, triste e sonolenta tive a impressão de estar assistindo, em seus ultimos passos, ao funeral dessa pobre e desvalida gente.

....

Andam esses indios inteiramente nús, usando os homens apenas uma embira que suspende e amarra á cintura o *peniculus,* e as mulheres uma tanga minuscula com que cobrem as suas vergonhas. São essas tangas feitas de cordas de tucum, tintas de negro e enfeitadas com pequenos côcos; as embiras são de um sipó muito fino e flexivel. Aos que estiveram comigo da primeira vez forneci alguma roupa, o que me permitiu ver no segundo encontro as mais bizarras vestimentas que podia imaginar. Uns traziam colete e chapéo apenas, outros sómente camisa. Alguns vestiam assim, outros calças de homem e casaco de mulher. E, quando se lhes dizia que taes combinações não eram proprias, davam eles gostosas gargalhadas e respondiam que assim era melhor.

São moreno-vermelhos, altos, esbeltos e robustos, sendo os homens em geral mais belos do que as mulheres. Têm os cabelos negros, brilhantes e duros, a cabeça bem proporcionada ao corpo, semelhante na forma á dos caboclos do nordeste; rosto largo e expansivo; olhos de bom tamanho, escuros e obliquos; nariz bem feito, pouco achatado e de largas narinas, havendo alguns aquilinos; boca bem talhada e graciosa; dentes grandes, tronco largo, ventre recolhido, pernas finas e nervosas, pés e mãos pequenos e de dedos curtos. São asseiados, não exalando o seu corpo, como notou Barbosa Rodrigues, nenhum cheiro. As mulheres são mais baixas e menos elegantes. Tanto os homens como as mulheres são afaveis para os estranhos e extremamente carinhosos com os filhos.

Não usam botoques, nem pintura de nenhuma especie. Nadam com muita pericia e remam admiravelmente. Suas armas são apenas arcos e flechas. Os arcos são dos maiores e mais solidos que se conhecem.

Fazem-nos quasi sempre de muirapinima ou muirapiranga, mas empregam tambem outras madeiras que sejam ao mesmo tempo maleaveis e fortes. As flechas são, como os arcos, muito bem feitas, tendo em geral a seta de osso. Usam tambem para caça miuda setas de madeira terminada por um pequeno côco dos muitos que lhes fornecem suas diversissimas palmeiras. Quando encontram algum prego ou

canivete aproveitam-no habilmente para seta da flecha de guerra e de grande caça.

Fabricam paneiros e panacús de varios feitios para condução das suas miudezas, cousa que fica sempre a cargo das mulheres, ainda quando tenham de conduzir ao mesmo tempo um ou dois filhos.

A falta de interprete não me permitiu colher desses indios todas as informações que elles podiam dar-me, e nem mesmo ter absoluta certeza das que me deram. Conhecendo então de sua lingua apenas um pequeno numero de palavras correntes na vila de Moura, mal pude deixar-lhes uma ligeira idéa dos meus intuitos e deles receber inequivocas manifestações de simpatia e confiança. Não posso portanto saber até que ponto são exatas as informações com que responderam as perguntas que lhes fiz.

Si bem os entendi disseram-me eles que ha em todo o rio 19 grupos diversos, cada um composto de um pequeno numero de familias e que entre esses grupos reina muita prevenção e inimizade.

O que não padece duvida é que vivem no Jauapery varias tribus, e isto já era sabido no tempo do capitão Ribeiro Guimarães.

Ele assignala, por exemplo, a presença no Uatucurá, margem esquerda, dos Uaimirís, «mal afamados», que costumavam cortar a cabeça ás pessôas que matavam e tirar-lhes os ossos das pernas e dos braços para fazerem gaitas. Afirma tambem a existencia de outros gentios no Macucúahu, margem direita, no Alauahu e no lago Jauri-tena; localisa no Tenêneahu os Assahís, ainda diz que ha indios nos serros que ficam junto á boca do Miranda, afluente da margem esquerda, e acrescenta « mas não podemos saber que nação seja ».

Graças aos trabalhos e correições da Inspetoria do Serviço de Proteção aos Indios descobriram-se as seguintes malocas, algumas das quaes foram examinadas por pessoal da mesma Inspetoria: Maracacá, Sumaúma, Xiparinana, Maháua, Abinauahú, Cachoeirinha, Alauahú, Jaurituba, Campina e Quartel.

Todas são centraes, ficando em geral a mais de duas leguas distantes do rio; seus nomes são dados pelos habitantes de Moura e tirados dos lugares em cujas proximidades estão.

Em Março de 1916, o bravo e muito digno inspetor Bento Lemos, acompanhado apenas de um trabalhador, posteriormente flechado e morto pelos indios, visitou Macucuahú colhendo nessa arriscada, longa e longinqua jornada informações muito interessantes. Verificou que uma parte dos gentios do Jauapery e seus afluentes é estavel e sedentaria, ao passo que outra parte é errante e nomade, passando uma época do anno na região do Uatumã, e outra na do Rio Branco. Essa travessia dos selvicolas para o Uatumã, diretamente pelo Alauahú ou por intermedio do Urubú, é uma velha e bem fundada hipotese a que em 1855 já se referia o capitão Ribeiro Guimarães.

O proprio autor destas linhas, quando esteve no Uatumã em 1911, lá encontrou essa tradição e, indo posteriormente ao Jauapery, poude verificar a inteira identidade da lingua dos seus indios com a dos que frequentam habitualmente, de Setembro a Dezembro, o primeiro desses rios.

Ocorre aqui frisar que tambem os Bonaris, do rio desse nome, afluente do Uatumã, aliás considerados extinctos pelo conego Bernardino de Souza desde 1870, costumam na mesma época percorrer este ultimo rio, conforme noticias que me deu um dos seus mais antigos moradores, o velho Telles, do Igarapé-assú, e isto comprova o que eu disse alhures relativamente ás grandes semelhanças entre os idiomas Jauapery e Bonary, por se poderem atribuir a representantes de qualquer dessas duas tribus as palavras indigenas ali colhidas desses periodicos itinerantes.

Quanto ao que se refere ao Rio Branco, deve-se notar que ha entre os Macuchís deste rio, e os Uaimirís, do Jauapery, grandes parecenças de habitos e linguagem.

Continuemos, porém, a exposição que vinhamos fazendo.

A maloca visitada pelo inspetor Bento Lemos é de indios não apenas sedentarios, mas já cultivadores do sólo.

Suas casas são solidas e seguras, cercadas de arvores frutiferas e grandes roçados. Para chegar a essa aldeia partindo do Igarapé Mucucuahú gastou o inspetor 2 $^{1}/_{2}$ horas de marcha regular através de trilhos tortuosos, cortados de veredas, ora cruzadas e ora interrompidas, mas sempre largas e limpas, com que disfarça o indio o caminho de suas moradas. Ahi encontrou cerca de 50 pessôas e entre elas um homem alejado do braço direito por ferimento de bala da expedição Catingueira.

Soube o Inspetor que faltavam alguns homens, que andavam fóra mas não pôde conhecer o numero total deles. Notou que havia muita fartura, sendo por conseguinte esse grupo feliz no seu tranquilo retiro, salvo possiveis agressões de outros selvicolas.

Quando já se despedia para partir apareceu-lhe uma clara e esbelta mocinha de cabelos e olhos castanhos e feições delicadas e regulares, muito diferente, em suma, do seu povo. Logo lhe veio á mente a hipotese de ter sido essa creatura arrebatada em tenra idade á gente civilizada. Quantas vezes não se tem dado esse triste facto!

Em 1917 enlouqueceu no rio Pixúna uma pobre mãe cuja filhinha de 4 annos arrancaram-lhe os selvagens. E não ha como estranhar uma tal crueldade quando se sabe que violencias muito mais terriveis e numerosas sofrem eles antes de praticarem suas vinganças.

Em Dezembro do anno passado, o sr. Luiz José da Silva, diarista do Serviço de Proteção aos Indios, visitou as malocas denominadas: Campina e Quartel. Na primeira encontrou 49 individuos entre homens,

mulheres e creanças e viu plantações muito desenvolvidas de roçado e pomar. Na segunda achou desertas suas 3 barracas, posto que rodeadas de muitas arvores frutiferas e tendo nos fundos uma grande roça.

Ao aspecto de abandono dessa paragem pôz-se a examinal-a com cuidado e descobriu indicios muito pozitivos de queima de cadaveres.

Posteriormente teve explicação do caso pelos indios de Campina, uma grande epidemia de catarro, molestia sempre fatal aos nossos selvagens, matára quasi todos os habitantes da aldeia. Os poucos que escaparam desapareceram do logar tomando rumo ignorado.

Essa peste fôra levada a Quartel por empregados da firma Bezerra & Irmãos, estabelecida á boca do Alauahú. Até esse mal fazem os civilizados aos pobres selvicolas: quando se põem de comercio com eles logo lhes transmitem doenças que lhes eram inteiramente desconhecidas e que, sendo ás vezes insignificantes para nós, são para eles letalissimas.

As constipações, *influenzas* e *grippes* estão nesse numero e são as mais frequentes.

A insuficiencia da verba com que annualmente conta a Inspetoria não lhe tem permitido explorar todo o rio e seus afluentes — problema interessantissimo pelas luzes geograficas e etnologicas que forneceria a respeito da região e de sua população indigena em relação as regiões e populações dos rios Branco e Uatumã.

O que, entretanto, pôde fazer é bastante, conforme as indicações que acabamos de vêr, para confirmar a opinião geral e antiga, contraria ao parecer de Barbosa Rodrigues, da existencia no Jauapery de diversas tribus que falam, é certo, uma lingua comum com pequenas variantes, mas que se distinguem por habitos e inclinações, indo até aos extremos de serem uns grupos nomados e outros sedentarios, uns guerreiros e outros constantemente pacificos. São provavelmente fragmentos dispares de uma só e grande nação.

Cabe aqui assignalar as divergencias e concordancias que se verificaram entre as observações desse prestimoso naturalista e as minhas: Barbosa Rodrigues viu Crichanás, eu Atruaís.

Ele concluiu que havia uma só tribu no rio, eu que havia diversas.

A ele disseram os indios — «Maniaua» — logar importante do Jauapery; a mim disseram claramente — «Maháua» — (haspirado), como aliás pronuncia a gente de Moura. Ele encontrou indios que lhe roubaram um caixão; eu não só não encontrei nenhum gatuno, como de todos os selvagens com quem estive, apenas um era pidão, sem todavia tocar nos objetos cobiçados.

Com ele os selvicolas mostraram grande zêlo pelas suas *curiaras*, (canôas), comigo não.

Ele achou o rio monotono e triste, eu achei-o bonito como todos os rios, mais bonito do que muitos outros e de variegados aspectos.

E além dos pontos por ele citados como interessantes, a saber:

Uirabiana, Cahacumana, Ayurú e Maháua, assignalo mais — Maracacá, Tauacuera, Sumaúma, Sapa, Chiparinana.

Emfim, Barbosa Rodrigues afirma, não sei com que fundamento, que costumam os indios Jauaperys enterrar os seus mortos em troncos de arvores. Formariam assim uma floresta de reliquias humanas, que seriam as atalaias mortas daqueles ermos — impressionante imagem de que me servi em outro logar sem nada ter visto ou sabido que confirme o facto em que se basêa.

Mas não só divergencias, sinão tambem concordancias, houve entre as observações de Barbosa Rodrigues e as minhas.

Destaco d'entre innumeras outras, que resultam da indole ou do fetichismo indigena e são por isto correntes, as seguintes:

Nadam com suma facilidade e natural elegancia.

Parece que não são poligamos.

Depois de violento acesso de furor voltam sem esforço á calma como si nada houvera agitado seu espirito.

São extremamente sensiveis ao agrado e rapidamente se afeiçôam ás pessôas que os tratam bem, dando no momento da separação visiveis demonstrações de saudade. E têm, evidentemente, muito mais inclinação para o amor do que para o odio.

Quando me despedi deles prometi-lhes voltar a visital-os em Abril de 1912. Ao chegar, porém, a Manáos já estava chamado ao Rio.

O Ministro da Guerra de então, levado por intrigas de camaradas mancomunados com jornalistas exploradores, todos acastelados no «Jornal do Commercio» — abominavel orgam, sempre frio e venal, da opinião dos poderosos, havia requisitado para as fileiras os oficiaes comissionados no Serviço de Proteção aos Indios e com tal obstinação sustentou o seu capricho que debalde insistiu diversas vezes pela revogação da sua ordem o Ministro da Agricultura. Alegando que os oficiaes ganhavam grandes ordenados e que a obra de que estavam encarregados era propria de frades e não de militares, conseguiram esses desalmados desorganisar um serviço tão patriotico e tão auspiciosamente iniciado. E, terminada a indigna campanha, os vencedores militares foram ganhar ordenados duas e tres vezes maiores, não nas asperas selvas do Amazonas e de Matto-Grosso, mas nas grandes cidades da Alemanha e dos Estados-Unidos, e o seu digno chefe civil, o lerdo malhador da musa intestinal, apesar de ter escrito um hino que por si só bastaria para inutilisar intelectualmente o resto da vida de um homem, ainda que durasse 200 annos, acabou no seio grotesco e apatacado da immortalidade, si é que não vae a presidente da Republica como já foi a senador e ricaço.

Bem sabiam eles que os oficiaes empregados no Serviço de Indios eram gente de outro quilate, habituada ao desprendimento e ás arduas tarefas, gente a quem não podia seduzir a perspectiva do ganho, qual-

quer que fosse, quanto mais da insignificancia de 800 mil reis mensaes que era a quanto montavam as suas vantagens.

Eles sabiam disto, mas na qualidade de mercenarios que eram e sempre foram, não viram explicação mais plausivel para a dedicação alheia. E, servindo conscientemente ao plano sorrateiro de destruição architetado pelos padres catechisadores, pouco lhes havia de importar a difamação de outrem, comtanto que o plano vingasse.

Felizmente os oficiaes perseguidos gosavam de uma grande consideração do Ministro da Agricultura e de muita influencia junto ao Diretor do Serviço, e com isto nenhuma dificuldade tiveram em ser substituidos pelas pessôas que indicaram, o que até certo ponto atenuou o mal.

Ao meu substituto, pois, um ex-colega da Escola Militar do Ceará, comuniquei o compromisso que firmára com os selvicolas e pedilhe que não faltasse ao encontro no ponto e época ajustados.

Na mesma lanchinha em que eu havia feito a viagem foi o novo inspetor ao Jauapery, mas os indios, não me vendo a bordo, intimaram-no a voltar. O inspetor explicou-lhes que ia em missão de paz, que lhes queria dar muitos brindes etc., mas eles não cederam e antes amiudaram a intimação. Depois de muita relutancia, já os selvagens entezavam ameaçadoramente os arcos, quando lembrou ao Inspetor dizer que era meu amigo.

Ah! — responderam eles — si você é amigo do Bandeira pode encostar.

O inspetor foi recebido e tratado com toda a consideração, como si ele proprio já fosse velho amigo daquele ingenuo povo.

Começou-se desde logo no logar Tauacuera a construção de uma aldeia, na qual pouco a pouco se iam estabelecendo os indios á proporção que comprehendiam as vantagens da nova situação.

Cinco annos depois, estando eles já localisados, cuidando das roças e engenhocas de que tiravam o principal sustento, quando já não constituiam perigo para ninguém, pareceu aos pescadores de riqueza que era tempo de invadirem o rio e tomar-lhes as terras ferteis de muita cousa e principalmente do produto que a esse tempo mais dinheiro dava-a castanha.

Foi assim que se introduziram no Jauapery, primeiro o engenheiro Antonio Crespo de Castro, com titulos definitivos de dois grandes lotes e titulos provisorios de tres outros, e em seguida o agrimensor Epaminondas Gagliardi, com quatro lotes mais modestos.

Ficaram os indios encurralados em uma nesga de terra que mal dava para um roçado e, como era natural, foram surgindo inconvenientes da vizinhança de que estavam cercados. O Inspetor teve de mudar o posto, indo fundar um novo estabelecimento em Mahâua, muito acima de Tauacuera.

A invasão continuou, porém. Em Outubro de 1921, Simplicio Coelho de Rezende Rubim, aproveitando a circunstancia de ser governador do Estado o seu tio desembargador Rego Monteiro, associou-se a outros individuos para a exploração de castanhas e requereu grandes lotes cujos autos em Maio deste anno estavam na Secção de Terras para conferencia. Entraram assim no rio, justamente na sua melhor parte, além de Simplicio, Bezerra & Irmão, Gregorio Horta, José Francisco Soares Sobrinho, Guilherme Baird e outros.

O inspetor Bento Lemos levantou-se contra essas clamorosas usurpações e protestou por todos os meios ao seu alcance, colocando-se decididamente na defesa dos direitos possessorios dos selvicolas.

O snr. Rêgo Monteiro indignou-se da audacia do inspector, que se atrevia a pôr embargos numa pretenção de um seu sobrinho, e não teve duvida — difamou-o clandestinamente em telegramma que passou ao Ministro da Agricultura, acusando-o de explorar castanhaes, com o privilegio do seu cargo, em detrimento da concurrencia natural, e de demarcar para ele, sob pretexto de fazel-o para os indios, terras já possuidas por civilizados.

O autor destas linhas, tendo sciencia dessa ignobil trama, publicou no « Rio Jornal » um enorme artigo desmascarando-a do principio ao fim e desafiando os amigos do governador a que o contradissésseem.

O artigo causou, como era natural, espanto; havia no Rio de Janeiro senadores e deputados amazonenses, mas nenhum tomou a defesa do snr. Rego Monteiro: a acusação até agora, fazem 11 mezes, está de pé.

As terras dos indios não ficaram por isto resguardadas, mas o inspetor não foi demitido, nem a Inspetoria suprimida, como desejava e pedia o governador, o qual fez, pelo Estado, todo o mal que podia: mandou revogar a lei numero 941 de 16 de Outubro de 1917 que concedia aos indios as areas por eles ocupadas em diversos rios.

Ficou, assim, autorisado a entregar a seu sobrinho Simplicio as cobiçadas terras do Jauapery. E aos seus dignos comparsas legisladores, votando ao sabor da vontade do seu amo, nem siquer ocorreu que armavam esse infiel magistrado de meios para assaltar até os pontos onde a Inspetoria já tem estabelecimentos fundados, pois a nova lei exclúe das concessões que se façam aos selvicolas «as terras que já tenham sido concedidas pelo Estado e as que já estiverem cultivadas por qualquer pessôa com residencia habitual e cultura efetiva». Manhoso estratagema com que se mascára a espoliação. Por exemplo: — O Serviço de Proteção aos Indios, como se deu no Jauapery, pacifica uma tribu que pela sua presença segregava da civilização um rio inteiro. Depois de algum tempo e penoso trabalho, localisa os selvagens num certo ponto: abre campos, faz estradas, constróe barraças, levanta e demarca o trecho que lhe parece indispensavel, e requer a respectiva concessão.

O governo embaraça e protela. Nisto aparece o requerimento do parente ou amigo do governador: o Estado concede-lhe aquele mesmo trecho assim preparado e, como já foi concedido pelo Estado, ha que desalojar e expulsar os selvicolas!

Essas extorsões *legaes* de terras de gentios e de lavradores pobres são cousa muito commum no Amazonas, em Mato Grosso e em quasi todos os Estados.

Um antecessor do snr. Rego Monteiro e cujo nome em homenagem á delicadeza feminina aqui se oculta, não se pejou de fazel-as em beneficio de sua propria esposa. O bispo Aquino Corrêa não trepidou em pratical-a contra uma familia brazileira pauperrima em proveito da sua riquissima congregação.

Não foi outro o motivo do assassinio do padre Tannhüber, morto na ocasião em que punha em execução o episcopal esbulho de uma posse mansa e pacifica maior de 50 annos!

Bem sei que muita gente, e entre ela a maioria dos letrados, estranha e condena a historia escrita assim com tão grande franqueza.

Mas si o que se diz é a verdade, e si a verdade é dita com decencia e publicamente, de modo que possam os acusados se defenderem, porque não dizel-a?

E porque motivo não se ha de dar a esses homens, que tão despejadamente deshonram os cargos, o simples castigo de registar os seus maleficios, já que outros não têm?

Si os historiadores escrevessem assim era bem possivel que muitos desses crimes fossem evitados por se arreceiarem os criminosos da execração publica.

Seja como fôr, a invasão tumultuaria do Jauapery, mais cedo ou mais tarde havia de dar, e deu em morticinio:

Em Março de 1922 atacaram os selvagens o barracão de Bezerra & Irmão, situado na boca do Alauahú, matando 2 homens e duas creanças. Um dos homens era Gaudencio Pastana, encarregado do referido barracão, ex-superintendente de Moura e meu companheiro de viagem em 1911. Ferido gravemente no Alauahú, graças á diligencia do chefe do posto indigena, foi immediatamente transportado, mas veio a falecer no referido posto em Maháua, termo, onze annos antes, da nossa feliz jornada. Innocente ou culpado que fosse Gaudencio, cabe aqui informar que as familias Pastana e Horta são tidas como tradicionalmente inimigas desses selvicolas, como se póde vêr, no livro, tão citado aqui, de Barbosa Rodrigues.

Noticiando essa triste ocurrencia, que é provavelmente o primeiro ato apenas de uma serie de dramas sanguinolentos (*) em que sempre

(*) – As linhas acima são a expressão de uma triste realidade prevista pelo seu auctor.

toca a peor parte ao desvalido selvagem, escreveu o «Jornal do Commercio», de Manáos, em sua edição de 21 de Março de 1922: «O snr. Antonio Augusto Machado, chegado de Moura e sendo inquerido sobre o facto por um dos nossos companheiros de trabalho, limitou-se a declarar que naquela villa é voz corrente que os indios alimentam prevenções contra o pessoal dos snrs. Bezerra & Irmãos, que invade os castanhaes do Jauapery, accrescendo a circumstancia de que no anno passado alguns desses extractores de castanha inutilizaram duas canôas e tomaram um cão dos selvicolas.»

O motivo de desavença é sempre o mesmo. Onde não ha despotismo de civilizado, pode haver indios bravos, não ha indios malfeitores.

Os do rio Jauapery deviam ser hoje felizes. Estão sob os cuidados de um inspetor diligente e dedicadissimo, que não poupa esforços de nenhuma especie para amparal-os e protegel-os. Sobram, no entanto,

---

Tendo o original da presente obra chegado em julho deste anno para ser impresso em Manáos, poucos dias depois recebia-se aqui a dolorosa nova de que num dos pontos marginaes do rio Alalahú, affluente do rio Jauapery, um grupo de indios Atroahys havia atacado onze pessôas da firma Penha & Bessa, ali acampadas, causando o sacrificio da vida de todas.

Qual a causa? A obstinação de um dos socios daquella firma que, tendo antes invadido as terras indigenas no Alalahú e chegado ao ponto de devastar as roças de uma maloca com a arrancada de mandioca e derrubada de popunheiras para colher os fructos, acirrou por esta forma a colera dos selvicolas, dando motivo a que elles tomassem nova attitude de hostilidade para a execução de tão duro lance.

Onde a terra do indio é respeitada pelo civilisado não ha nem pode haver factos lamentaveis como esses que a muitos individuos se afiguram como uma prova de crueldade do selvicola, quando, no dizer de Barbosa Rodrigues, nada mais são que o desaggravo da offensa que ficou impune.

Emquanto os aventureiros persistirem na sua invasão, impossibilitando a acção e pondo em perigo a vida do pessoal do posto indigena do rio Jauapery, que vem procurando pacificar os Atroahys, impossivel será obter-se efficacia nesta obra de previdencia moral, humana e justiceira e, consequentemente, evitar-se as tristes scenas que, não raramente, desenrolam-se naquella região.

Não é de hoje que a Inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios neste Estado vem proclamando esta verdade e procurando, por todos os meios aconselhados pela prudencia, impedir a invasão de aventureiros naquelle rio para que possa levar a bom termo a pacificação dos selvicolas, sendo digno de nota que, em Maio do anno passado, enviou longo officio ao poder competente a respeito de varios lotes de terras requeridos por civilisados no rio Alalahú, ponderando-lhe, como medida conveniente, a reconsideração dos actos pelos quaes havia autorisado a medição e demarcação de taes lotes, uma vez que a invasão de civilisados áquelle rio só poderia trazer consequencias lamentaveis, além de impossibilitar a actuação do Serviço de Protecção aos Indios na alludida região.

Os proprios requerentes dessas terras estavam apercebidos do mal que iam praticar. E a prova é que, para não despertar qualquer protesto da parte da Inspectoria, occultaram baldadamente nos seus requerimentos o nome do rio Alalahú, dando ao mesmo, por astucia, a denominação imaginaria de igarapé da Duvida e tambem

ao nobre funcionario, estorvos na sua missão, a começar pela falta de recursos pecuniarios. As mesquinhas verbas que lhe fornece o governo não seriam, comtudo, impecilho á sua ação patriotica, si ele encontrasse nas autoridades federaes e estadoaes imparcialidade e nada mais do que isto. Diante, porém, de qualquer feito que surja—a escravisação de um menino indigena por exemplo — levantam-se além do valimento politico do escravisador, os tropeços da lei, as complicações de fóros e competencias e, mais do que isto tudo, o descaso quando não a cumplicidade dos juizes. O resultado final da contenda é que o indio continúa escravisado, ainda que o seu algoz seja estrangeiro.

Si isto é assim em simples casos de opressão individual, afeto apenas á justiça federal, imagine-se o que não será tratando-se de questões de terras na jurisdição estadoal!

Os selvagens do Jauapery, como os outros, não podem, por conseguinte, ser felizes.

Sua aldeia de Tauacuera, dispondo já de um barracão, 5 casas, uma engenhoca de assucar, um forno de farinha e grandes roças teve de ser abandonada ante a irrupção sempre crecente de aventureiros.

Não tardará que o mesmo aconteça ao seu novo posto de Maháua, cercado já de adventicios de toda a casta.

Não ha, desgraçadamente, meios de salvar os remanescentes das nossas pobres tribus; porque o principal nessa ardua tarefa depende do governo, e o governo, surdo á voz da razão e alheio aos sentimentos de fraternidade, reduz o problema indigena a meras operações de expediente dos que menos interesse lhe despertam.

Quando terminar a pacificação dos Parintintins, que ha 11 mezes carregam de trabalhos immensos e de não menores perigos o pessoal da Inspetoria do Amazonas, e que ha cerca de 100 annos guerreiam incessantemente aos civilizados vencendo-os muitas vezes, o mesmo acontecerá que aos Jauaperís. A região que eles mantêm inviolavel e temerosa, servirá de pasto á ganancia dos caucheiros, seringueiros, poaieiros *et reliqua*, e os indios irão sendo assassinados uns e atirados outros para as zonas intrataveis, como nos Estados do Sul o são para os terrenos aridos.

Não se nega que a penetração do civilizado nesses centros conquistados ao selvagem seja um facto natural. É. Mas devia dar-se oportunamente e sobretudo sem sacrificio do selvicola.

---

mystificando os nomes de varios affluentes do mesmo rio que banham as terras pretendidas.

Como se vê, a exemplo da prophecia do auctor deste livro, a Inspectoria teve tambem a visão dos males e dos perigos que adviriam com a invasão de civilisados ao Jauapery, tudo fazendo inutilmente para obstar semelhante desgraça.

S. P. I.

Esse sacrificio é que não se evita, antes se facilita e se tolera quando não se aplaude.

E a culpa inteira de uma tal calamidade cabe aos governantes que, permitindo-a, colocam-se abaixo dos seus encargos.

Por mais que se ponha deante dos seus olhos o sofrimento dos indios, eles não vêm.

Quando lhes despertar no peito a piedade, cuja sonolencia nenhum excitante conseguiu derimir, não encontrarão mais do que a poeira das tabas, a cinza dos mortos e a tradição de um martirio sem igual.

E sobre a cabeça dos culpados não cairá siquer a maldição da posteridade, porque os seus tristes nomes não passarão dos tristes dias da sua deshonrada e efemera magistratura, ainda quando essa fementida proeminencia tenha sido, como tantas vezes sucede, coroada de louros e mirtos.

APENDICE

O Serviço de Proteção aos Indios

(Traduzido do inglez de Oakenfull pela Senhora Alipio Bandeira)

....

«O atual Decreto divide o territorio indigena em 10 distritos, cada um a cargo de um inspetor, obrigado a apresentar um relatorio annual ao Diretor Geral.

O Serviço propõe-se a fixar os indios, tanto quanto possivel em seus proprios distritos, sendo estes muitas vezes inaproveitaveis para os colonos europeus.

Aos aborigenes serão garantidas as mesmas vantagens que ao imigrante de além mar, e a inviolabilidade de seus lótes de terra será garantida. Com respeito aos costumes peculiares ás tribus, e á sua organisação interna, a Repartição procederá com o maior cuidado, utilizando o auxilio de seus Caciques (chefes) e esforçando-se para que o homem vermelho se transforme tanto quanto possivel, mas empenhando-se ao mesmo tempo em protegêl-o contra a rapacidade de seus iguais, tanto quanto contra a do homem branco, quer seja brazileiro ou extrangeiro.

Afim de legalisar a possessão de terras nas quais eles caçam, ou que estão em seu efetivo poder de qualquer outra maneira, os Governos dos Estados são convidados a providenciar na demarcação de limites, e impedir invasões. O Governo Federal tambem abrirá escolas livres, e ministrará instrução profissional, sempre voluntaria, e, por toda

a parte onde fôr necessario, creará colonias modelos para a instalação de tribus incapazes de subsistir nos distritos por elas primitivamente habitados.

Serão tambem estabelecidas em cada Estado estações agricolas, providas de escolas diurnas, e noturnas, oficinas, fazendas experimentais, etc., etc., destinadas principalmente ao uso dos indios que já estão pacificados.

Em suma, todas as sugestões serão feitas aos incolas no sentido de adotarem uma existencia civilizada, e de se tornarem proveitosos á nação, bem como de melhorarem a sua propria posição, tanto moral como fizica.

No Estado de Mato - Grosso, o proprio Diretor já tinha muito operado quando superintendia a construção de linhas telegraficas no extremo oéste do Brazil. Encontrando-se com os terriveis Nhamhiquáras, ele conseguiu pouco a pouco obter a amizade de diversos grupos dessa tribu, mesmo quando uma vez foi atacado de surprêsa, retribuindo com dadiva de prezentes, e, sempre que foi possivel, enviando por meio de um interprete mensagens de bons desejos e de fraternais propositos. Essas tribus eram inteiramente selvagens, não tinham relações com a civilização e nutriam um sentimento innato de hostilidade contra os brancos, comtudo em menos de dois annos estavam esses indios de tal modo pacificados que, em vez de destruir as obras da repartição telegrafica, eles fôram fixados na linha, não somente para protegêl-a, mas frequentemente para ajudar no pesado serviço de abrir caminhos através da floresta virgem. Os Borôros, Parecís, Iranches, Apiacás, etc., fôram tambem apaziguados sem nenhuma perda de vida, e em Goyaz os Javahés da ilha de Bananal, no Araguaya, fôram trazidos pela primeira vez ao contacto com a civilização. Além destas numerosas tribus os inspetores têm entrado em relações com diversas outras.

As dificuldades ordinarias do serviço são grandemente aumentadas na Amazonia, devido á necessidade de restaurar a confiança dos indios, perdida por motivo dos atrózes tratamentos recebidos das mãos de muitos proprietarios do distrito da borracha, que acoroçoados pela impunidade, tinham reduzido á condição de escravos todos os que puderam apanhar.

Entre as tribus tratadas com mais ou menos exito em sua região, estão os Jauaperys no Amazonas, Maués, os Tembés, etc., no Pará. Em São Paulo, os considerados intrataveis Caingangs, depois de um anno de trabalho paciente e persistente fôram induzidos a tratar com os funcionarios da Repartição, com resultados altamente satisfatorios. Ergueram-se observatorios nas florestas virgens, nos galhos de grandes arvores, e desses postos de ocazião um interprete chamava seus irmãos selvagens e lhes expunha o modo de ver da Repartição e o ardente empenho do Governo pela sua felicidade. Os serviços do gramofone

fôram utilizados, e fêz-se uma distribuição liberal de presentes uteis em todas as oportunidades aproveitaveis.

Para ajudar a aproximação da tribu até então afastada, abriu-se um caminho de muitas milhas no coração da floresta e o acampamento dos funcionarios foi estabelecido em uma localidade onde eles estavam mais ou menos a mercê dos selvagens.

No Paraná, o rio Tibagy mantém uns 1.100 indios, e operou-se com estes assim como com os Aymorés no Espirito Santo, e diversas tribus na Bahia, Maranhão, Minas, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde os colonos brancos impeliram antigamente os selvicolas para o interior, e os compeliram a substituir a pésca pela caça.

Em varios Estados estão em via de construção estabelecimentos indigenas, e um centro agricola em Sabino Vieira, Bahia.

Em resumo, o resultado de uns dois annos tem sido altamente compensador, e a Repartição tem plenamente justificado a sua creação». (*)

....

(*) – Apesar dos innumeros defeitos desta exposição, defeitos inherentes á ligeireza e superficialidade do inquerito feito pelo sr. Oakenfull, a parte do seu escrito referente ao Serviço de Proteção aos Indios foi aqui trasladada, como testemunho insuspeito que é, em louvor desse benemerito Serviço, que com dois annos apenas de existencia já tanto havia produzido, não contando o sr. Oakenfull – entenda-se bem – outras conquistas sem alarde realisadas nesse mesmo pequeno lapso de tempo, taes como a pacificação dos botocudos catarinenses, a libertação em plena mata do Amazonas de 5 moças civilizadas que os indios Cunibas, por vingança, haviam raptado depois de lhes matarem os pais, e a extinção dos nefandos morticinios de indios, que assinalavam a construção da E. F. Noroeste do Brazil.

A. B.

Pequeno vocabulario da lingua Uaimiry falada pelos indios do rio Jauapery

O presente vocabulario é o mesmo que me forneceu ha annos a Inspetoria do Serviço de Proteção aos Indios no Amazonas. Ignoro si ele foi organisado pelos funcionarios dessa repartição ou si é copia de um antigo trabalho pertencente á familia Horta, de Moura, e feito com o auxilio de um indio outrora aprisionado no Jauapery e que naquela vila amazonense aprendeu sofrivelmente a lingua portugueza. Dou-o como me veiu ás mãos, tendo-lhe feito apenas algumas pequenas alterações resultantes das praticas que tive com os indios e nas quaes me utilizei justamente, como já está dito, dos conhecimentos que da lingua deles possuiam os habitantes de Moura.

Observo que ele combina essencialmente com o vocabulario de Jorge Hübner, do qual apenas difere, como é natural, na grafia das palavras e no apanhado de alguns sons, ao passo que diverge quasi que por inteiro do de Barbosa Rodrigues que, segundo Kock-Grünberg, será o Crichaná, lingua conhecida do interprete do naturalista e dos indios do Jauapery, mas não a lingua destes. (1)

---

(1) – «Nun ist es nicht ausgeschlossen, dass dieser Dolmetscher, der die eigentliche Sprache dieser Jauapery – Indianer nicht beherrschte, sin un Gespräch mit ihnen des Krischaná bediente, das beiden Teilen gelanfig war.
(Die Jauapery—Einleitung).

A

Abano	Oory
Abraçar	Cunacá
Abre	Tabunacare
Acende	Uatacinó
Acorda	Copacare
Adiante	Macané
Agoa	Tunã
Ajuntar	Xiquiore
Alagar	Yomeri
Alegre	Cuaren
Ali	Muopó
Alto	Caumi
Alvorada	Mamery
Amanhã	Maneêto
Amarelo	Tuêla
Amargoso	Quebomá
Amarra	Cicicare
Amassar	Aquri
Arco	Urapara
Arco-iris	Serahy
Areia	Quexy
Arma	Mucahuá
Arrancar	Micuacô
Arranhar	Ihaucore
Arrebatar	Inancaré
Arremedar	Emucuarê
Amolar	Itory
Anda	Pemequí cotory
Andorinha	Chorutá
Anta	Mepri
Anum	Amananá
Anzól	Cuê
Apaga	Imbicare
Apagou	Impery
Apanhar	Guericare
Apertar	Gueretetemare
Aprender	Nepare
Aquele	Nemy
Aquentar	Atenory
Arara	Gueary
Aqui	Anepiú
Arrumar	Itiatny
Arvore	Uarumafõ
Assar	Perê
Assento	Cocequary
Assobiar	Quetaquenhere
Atirar	Macú
Atiçar (fogo)	Chamicry
Atravessar	Sumaranô
Atraz	Nahatanú
Avô	Mahy
Avó	Huê
Azêdo	Bacamá

B

Bacaba	Quemê
Baixo	Tamacuá
Balaio	Matútú
Banana	Cruatanâ
Banco	Capóny
Barba	Macuchy
Barriga	Quepó
Barulho	Miocáre
Batata	Mapi
Beber	Ienery
Bocado	Picarê
Bofetada	Jory
Boi	Pacá
Boiar	Cutarê
Bom	Curanô
Bonito	Uamarê [1]
Bordoada	Ipiocry
Braça	Chamacarê
Braço	Comory
Branco (côr)	Sacorá

[1] — Uamarê empregam quando é ao mesmo tempo bonito, bom e agradavel.

A. B.

Beiço	Quentáre
Beijo	Pichó-tóró
Beira	Pitarê
Beira (de rio)	Mahaua
Bicho	Oricó
Bico (de flexa)	Piotrê
Bôca	Quebortary
Branco (homem)	Carihuá
Branco (h. bom)	Pahy
Breu	Uauahy
Breu da flexa	Many
Brincar	Cofenhapáry
Bucho	Uêpó

C

Cabeça	Quifó
Cabello	Cofôiare
Cacho	Minotori
Cachorro	Inhapremiá
Cadeira	Quitabare
Cahir	Iiomarê
Cajú	Erê
Calado	Hermy
Caldo	Ecú
Calor	Atupá
Camarada	Iacunú
Caminho	Má
Cana	Uaxí
Canôa	Curiára
Cansado	Quintarê
Capim	Uassucuma
Capinar	Atecarê
Carapanã	Macrucrú
Carregar	Aóuncrí
Carregar no hombro	Aouncri comatarê
Carvão	Uriconô
Casa	Mudô, Mapé
Casa (de maribondo)	Piuny
Casca	Bichó
Castanha	Tetecó
Catarro	Xiriry
Catinga	Piory
Cavar	Queary
Cedo	Quememery
Centro (da mata)	Mirê camalalá
Céo	Capê
Cercar	Aquetory
Certo	Chemparú
Chamar	Quiomáre
Chapéo	Comariry
Chega	Inhotarê
Cheio	Comarê
Cheirar	Epumucrê
Chifre	Minetrí
Chorar	Cotomarí
Chuva	Cunupú
Cinto (de cipó)	Quentecrê
Cinza	Euretem
Cipó	Uamê
Cisco	Chiquioly
Claro	Mamury
Cobra	Ocuhiú
Cochilar	Cuocáre
Cujubim	Coichí
Colher	Coiá
Comer	Inhapery
Comprido	Michupê
Conheço	Mucuaceneny
Contar	Caramapory
Conversa	Canxaluô
Coração	Queterefó
Corda	Uá
Correr	Quicatomery
Cortar (com faca)	Chiquáre
Cortar (a machado)	Aquitory
Cortar-se	Daxiquiáre
Cozinheiro	Ipanê
Costas	Quicanari
Coxa (sub.)	Quetepê
Coxo (adj.)	Canê, decumitoly
Creança	Iatamory
Crear	Puanocry
Crepusculo	Itaprequiáre
Cuia	Piscauá
Cunhado	Piarimí

Curto	Tamacuá
Cuspo	Quintacre
Cuspo (baba)	Biquiarê
Cutia	Acry
Cutiara	Acuxhy

D

Dá	Oroconocá
Dança	Coótiticare
Dar	Camery
Dedo	Piochicry
Deitado	Quataperemáre
Deitar	Oomarê
Deixa	Apenacare
Deixou	Miebuquary
Demanhã	Mamury
Dente	Quiery
Dentro	Amucuarê
Deus	Tupanâ
Depennar	Chioquare
Depressa	Coxy
Derrubar	Iauhy
Desamolado	Iênê
Descansa	Cirimáre
Descansar	Pequiare
Desce	Contóry
Desembarcar	Cocuáre
Desmancha	Itiaracare
Deste	Bomiarany (**)
Dia	Queritianô
Diabo (*)	Quetiqueare
Diarréa	Quetitiáre
Direito	Biapumá
Doce	Tebonhá
Dóe	Ietopá
Doente	Coromery
Duro	Tapanú

E

É	Iorumecó
Embalançar	Cucucry
Embarcar	Cuerê
Embrulha	Inhetory
Empurrar	Miocry
Encher	Piecrê
Enchotar	Minarê
Enchuga	Quenáre
Enchuto	Tamipá
Encontrar	Cichamarê
Encosta	Uruquarê
Encostado	Piocunacarê
Enganar	Emucuarê
Engasgar-se	Quemerecáre
Engilhado	Xixitabá
Engulir	Mocry
Enrolar	Amerêmerê
Ensinar	Mientory
Enterrar	Iempière
Entornar	Equeamiry
Entra	Comery
Escasso	Ambá
Esconder	Cutrêmáre
Escorregar	Cotocomarê
Escorrer	Iopery
Escuridão	Tuamá
Escuro	Impiacáre
Esfrega	Query
Espalha	Aprequiarê
Espelho	Caçá
Espera	Piorúquare
Espeto	Ciochiquiore
Espirro	Catiarê
Espreitar	Cumbére
Espinho	Upinho
Espreme	Beriricore

(*) — Quetiqueare é antes «maleficio» do que diabo.
(**) — A letra *b* representa neste vocabulario um som entre *b* e *p* mais para *p*.
A. B.

Esquerdo	Macomá
Está	Mucú
Este	Bobô
Estende	Iacarê
Esticar	Chamacáre
Estrella	Xiriquibá

F

Faca	Maiá (*)
Falar	Uranabacare
Falha	Arê
Faquinha	Boquitataua
Fazer	Amecarê
Fecha	Tabrê
Feio	Cudapá
Fel	Arepú
Ferida	Cory
Ferro	Chipiararê
Ferro de cova	Tunú
Fervente	Minhotrê
Fiar	Ufêre
Fica	Inhory
Filho	Miê
Fino	Unecry
Flexa	Maprú
Flexar	Biquarê
Fogo	Uatô
Foi	Intioron
Fome	Cametiare
Formiga	Tapiú
Forno	Aniatô
Forquilha	Tamatacá
Fosforo	Tucaxy
Frio	Tucumiá
Fronte	Nufônô
Fumaça	Equeny
Fundo	Abunacá

G

Gaita	Xiniá
Gaivota	Canaquê
Galinha	Caracá
Gancho	Iamará
Garça	Iniá
Gavião	Iapacany
Gente	Quinhá
Girão	Surupá
Gordura	Quiatê
Gosto	Tepofonha
Grande	Amucurá
Grito	Cocotarê
Grosso	Tucurá
Guardar	Curamare
Guariba	Arauatá

H

Hoje	Aracú
Homem	Cumutarê
Hontem	Cucubá

I

Igapó	Quiapóró
Igarapé	Nudá
Ilha	Itaquetory
Inchado	Menobá
Inverno	Inhauá
Irmã	Icé
Irmão	Tiafóre

(*) — *Maiá* é mais propriamente — facão.

A. B.

J

Jaboty	Uaiamú	Joga (atira)	Marê
Joelho	Combrenáre	Junto	Patemi

L

Lagarto	Carabaqui	Limpar	Quenare
Lago	Cuatô	Limpo	Curanô
Laranja	Richá	Lingua	Quenery
Largo	Iobucurú	Linha	Mory
Lavar	Cocobry	Longe	Minú
Leva (verbo)	Arecú	Lontra	Iurequebá
Levanta	Coômery	Lua	Nunueba
Leve	Saunâ	Luz	Aruahú
Lima (ferramenta)	Cricry		

M

Macaco	Mecú	Meio-dia	Auamery
Machado	Uiuê	Mestre	Neranê
Madrugada	Tuamatanupy, Nomanieba	Meter	Tiabory
Mãi	Mamã	Meu	Ahu-miarany
Magro	Miquiêfopá	Milho	Uhy
Maguary	Anaraná	Minhoca	Miscory
Maluco	Quatemari	Miolo	Sacú
Mana	Macabá	Moço	Mericopó
Mandar	Amurarecû	Mofino	Tauriquiá
Maniva	Ary	Molhado	Socôrôrômá
Mano	Iacunú	Mole	Tamiquiá
Mão	Biabacrê	Moquem	Sorá
Máo	Fricá	Morder	Icarê
Maracá	Avê	Morreu	Iomory
Mareta	Cunarê	Mostrar	Moiô
Marido	Inhó	Mucuim	Canadenhy
Marimbondo	Ocuniú	Muirapinima	Preá
Matar	Iory	Mulher	Ory
Mato	Camalalá	» (casada)	Pitê
Mecher	Peripericáre	» (mãi)	Chanú
Medo	Quetetamáre	» (moça)	Ory-mericopo
Medroso	Tenaquiá	» (velha)	Ory-chabapá
Meia-noite	Côcô	Mutuca	Mariohy
Meio	Eriná	Mutum	Autê

N

Nada (cousa)	Pequê nauá
Nadar	Tapapú cotory
Nadega	Capê
Nariz	Quinatáre
Nasceu	Piomotá
Nascer (brotar)	Natebá
Nenhum	Uá
Noite	Taurumã
Nome	Etê
Nosso	Aiequemecó
Nú	Penê

O

Oleo	Carapá
Olha	Copanamarê
Olhos	Quembá
Onça	Cúcúboy
Orelha	Cufianare
Osso	Charerê
Outro	Anê
Ouvi	Netepiá
Ovo	Mié

P

Pacú	Paquechy
Pai	Papá
Palha	Curabá
Palmo	Queperê
Paneiro	Tredi
Panela	Truá
Páo	Ueiá
Papagaio	Querenequi
Paraná	Amutapery
Parente	Aparemy
Parto	Iomary
Passar	Iatunumary
Passarinho	Turunú
Pato	Urumá
Pé	Quecery
Pedaço	Ambutú
Pede	Pepitá
Pedra	Tupê
Pedra (de amolar)	Tupú
Pega	Apery
Pégada	Nafó
Peixe	Assenepy
Peixe-boi	Amena
Peito	Cofoprê
Pele	Bichó
Pendura	Ametory
Penna (de ave)	Apuriry
Peneira	Mararê
Penerar	Unarê
Pente	Comehy
Pentear	Narê
Pepino	Cupararê
Pequeno	Unecry
Pequiá	Uarcú
Perder	Notapipiá
Pergunta (subs.)	Queatiá
Perna	Quetepê
Perto	Cupumá
Pescoço	Quebomerê
Pesado	Auehupia
Piassava	Carabaná
Pica-páo	Tequechy
Pilão	Ianticú
Piloto	Aboquarê (*)
Pintado	Temerá
Piolho	Quexy
Piranha	Marumá
Pirarára	Duma
Pirarucú	Piriricú
Plantar	Piomery
Porção	Uarinó
Porco	Pacreá

(*) – Antes – o que guia a canôa.

A. B.

Podre	Tucurapá
Ponta	Inatáre
Popunha	Perepê
Porta	Pinhá
Povoação	Uarenecô
Prato	Iaraprapri
Procura (verb.)	Apury
Pucha	Pinhare
Pular	Caramery

Q

Quarto	Catabarê
Quebrado	Ambutuba
Quebrar	Ambucry
Queimar	Piamacare
Quente	Catene
Quero	Uaméro
Quieto	Mimocaé

R

Rabicho	Cocetama
Rachar	Intiaracáre
Raio	Iomocry
Raiz	Nietô
Ralar	Cry
Ralhar	Imarê
Ralo	Chimiarê
Rasgado	Eucuriquibá
Rasgar	Iocacáre
Raspa	Rochiquore
Recúa	Iamaco
Rema	Amearê
Remedio	Queapety
Remo (subs.)	Abucury
Rezina	Epequery
Rio	Epê
» (cheio)	Epê cunarê
» (secco)	Epê aparê
Risada	Coarê
Riscar	Iolacáre
Roça	Capá
Roçar	Pimiory
Roer	Corocuare
Rodar	Beriricore
Rosto	Quebecororê
Roubar	Curaruarê

S

Sabe	Itemichairy
Sacar	Adequiare
Sae	Cuibácáre
Sal	Pamú
Sangue	Mururú
Sapo	Tubá
Saracura	Tacó
Seco	Apahapá
Seio	Manatê
Serra	Uacry
Serrar	Ecri
Sereno	Pororotó
Sezões	Tatamanê
Sobrancelha	Quebeçucrú
Soccar	Tenery
Sól	Eiô
Sombra	Cacaó
Sopra	Ololy
Sujo	Tucuracá
Suor	Curamocry
Surrar	Piocry
Suspende	Oonecry

T

Tanga	Cueiô (*)
Tapa	Taperê
Tapioca	Quiafô
Tem	Iequê
Terra	Tauá
Terra firme	Thiô

(*) — E tambem *auepenú*.

Teu	Bö eminhasany
Thesoura	Saquí
Tição	Iotererecare
Tipiti	Matapy
Tira (subs.)	Arumiry
Todo	Cofenháre
Torto	Tecuiá
Tosse	Corocoró
Trabalhador	Aquenemi
Traz	Nicó
Trepa	Concri-cacá
Triste	Catunumequery
Trocar	Nacarecú
Tronco (de páo)	Ueuê tefó
Trovão	Talalá
Trovoada	Piopetê

U

Ubá (*)	Curiára
Ubim	Caianaiáre
Unha	Quebecurê
Urubú	Curumô

V

Vadio	Aquinichá
Vai	Inhapery cotory
Valente	Mariany
Vamos	Camaé
Vapor	Tutumá
Vara	Iará
Varar	Puquare
Varre	Ucunarê
Vassoura	Acumatubé
Veado	Suarê
Veia	Quemety
Velho	Chabapá
Vento	Sapopê
Ver	Necarê
Verão	Iomê
Verde	Chaqui
Vergonha	Tepiquiauá
Veste (v.)	Arecarê
Vestido	Arepotrê
Vigiar	Erimiarê
Vira	Acumiarê
Virgem	Hury
Volta	Curuiamare

(*) — O mesmo que canôa.

A. B.

ALGUMAS PHRASES

Aqui está—Aniú
Barriga cheia—Queuputare
Branco não mata—Pahy iofaquió
Branco te vai agarrar na tua casa —Carihuá tiá haiá piapá amurú morô
Branco te vai cercar—Carihuá hai aquitiantú
Chega para cá—Coquericarê
Chega para lá—Comiarê
Com força—Queapery
Caminho longe—Meiê-má
Como te chamas?—Nocopamurô?
Canôa carregada — Tiarumâ curiara
Canôa descarregada—Tiatuhubá curiara
Dá-me outro—Ahu-amé
Daqui a pouco—Cocupá
Deixa dormir—Murupu nanquice
Deixa estar—Aiamucuaia atô
De joelho—Cobrenari-cocequery
Dá-me o que comer—Àhu ame inacamacó
De baixo—Intiá
De cima—Retoiá
De onde vieste?—Imbitiamutú?
Depois de amanhã—Amiameêto
De quem é isto?—Moquemiarê?

De quem é este cachorro?—Moquie bu iapremiá?
Em cima—Catarê
Em baixo—Intê
Em frente—Iratenaca
Está aqui—Amiú
Está ali—Muhupumá
É teu?—Amurú aminhare?
Espera-me— Ahu-comomoquaçó
Está assado—Epurufubá
Está chamando— Amurahuiaquiató
Encosta aqui—Empinarecuacú
Encosta para ali—Munho punaurucuacú
É para ali—Minimá
Eu quero—Ahu uamero
Eu quero fallar contigo—Ahu aumero uranhabacare amuru
Eu te quero bem—Ahu uamero mamatrô amurá
Ele já foi—Intipieró
Ele quer bem—Mocó uamero mamatrô
Está chovendo—Cumupô iopery
Eu vou ver o roçado—Ahu necarê capá
Eu me vou banhar—Ahu cocobry
Ele vai tomar banho—Mocó nocopiá
Eu tenho camisa– Ahu ieque camicha (*)
Eu estou zangado comtigo—Ahu querecry amurú •
Eu não estou zangado comtigo—Ahu jacamauá
Eu tenho fome—Ahuiametipiá
Eu não tenho rêde—Ahu uaná samacá
Eu quero comer—Ahu uamero inhapery
Eu quero dormir na tua casa—Ahu uamero concri amurú modô
Eu te curo—Ahu ipinhocry
Estás doente—Aremuçá pahú?
Estás cansado?—Amurú quitare?
Esta é tua mulher?—Mucú pite amurú?
Fazer buraco—Amequearê mudó
Fazer fogo—Amecarê natô
Fica ainda—Apurucá-murú
Foi embora—Nabacabá
Gente não se mata---Quinhá iofaná
Ha muito tempo—Panarú
Hoje vem—Aracú noçá
Já comeste?—Amurú inhapery?
Já comi—Chinhapiahu
Já acabou—Miatrê
Já bebi—Sembiahu
Já chega—Inhotarê
Já entreguei—Serapiahu inacá
Já morreu—Inhopaiurú
Lá está—Anepiú
Lá está elle—Muhupuná
Lá vai—Mucupaiurú
Lavar roupa---Chiquechiquemearê
Lavar as mãos—Quinare biabacrê
Lavar os braços—Quinare comory.
Lavar os pés—Quinare quecery
Leva para casa—Orory modô
Minha filha—Ahu emicó
Meu filho—Ahu merecó
Minha mulher—Ahu pitê
Meu nome—Ahu-iêtê
Manda para mim—Aufê iananecó
Nome deste—Anietê
Nós temos—Ahá maná
Nós vamos—Ahaucá
No meio—Biatacá
Não acertou—Amorocry
Não acorda—Nuumquicê
Não anda—Menequí
Não assa—Purafaquió
Não assenta—Ucequilhaquió
Não atira—Mahaquió
Não cai—Umahaquió
Não chores—Atamofaquió
Não comas—Inhapepê

(*)–Corruptela de camisa.

Não conheço—Mucuinaneny
Não conta—Emaquió
Não corre—Aicatomaquió
Não corta—Quitanaquió
Não cuspas—Biquiaquió
Não dá—Orofaquió
Não dorme—Unucuahuehy
Não é—Iorucapê
Não é máo—Irocapê tricá
Não é zangado—Irocapê querecry
Não está assado—Tumunurá
Não estou zangado—Ahu ja camauá
Não expreme—Dachiquehaquió
Não faço mal—Ahu tiofauá
Não faz—Amechaquió
Não faz mal—Nameechê
Não flexes—Biquahaquió
Não foi—Thiofananhy
Não fujas, espera-me—Tiofaquió comomucuacó
Não gosto—Piochimê
Não levanta—Aiomafaquió
Não mata—Iofaquió
Não mexas—Mobericare
Não morreu—Iiomofanehy
Não ouvi—Ihahauhy
Não pega—Apechiquió
Não pega fogo—Tamacaná
Não presta—Marupá
Não presta chorar—Matanirá
Não quero—Ahahauá
Não remes—Amehaquiçó
Não suspendas—Ahunacaquió
Não te chamei—Aiecapauquê
Não te escondas—Outromaquió
Não tem—Uaná
Não tem gosto (Piochimy
Não tem graça (
Não tem mis—Uapamá
Não tenhas medo—Autiéamahá
Não tires—Aromaquió
Oão vás—Tiofaquió
Não vamos—Ahaucá
Não vem—Ofahaquió
Não venho mais—Ofahuihy
Não vi—Inefahuchy
Onde está—Moquiony
Onde está tua casa?—Impió mudô?
Para a beira—Itapucú
Para fóra—Ipotaca
Para nós—Ahi parany
Para quem é—Nucomiare
Para mim—Ahu ufé
Para ti—Aniuru fi, ou Amurú ameçarê
Para ele—Moco fé
Para nós—Aha fé
Põe aqui—Abenhacare
Põe em baixo—Quimiare intê
Põe em cima—Quimiare cotarê
Põe dentro—Tiatory
Por onde é o caminho?—Antiá má?
Primeiro cantar do gallo—Mamurú poronacá
Que é?—Ampiá murú?
Que é dele?—Moquiurá?
Que é que tem dentro disso?—Ampiá camonetô?
Que estás fazendo—Inipiapucá amurú ma mechá?
Que queres tu?—Impiá me piá?
Quem te deu este chapéo?—Anipiú cumariry?
Quero bem—Mamatrô
Rio enchente—Epê nucomaêpá
Sai dahi—Iauepecacó
Se tu flexares o branco elle te atira—Amurú biquarê carihuá, carihuá marê (*)
Se tu não flexares o branco ele não te atira—Amurú biquahaquió carihuá, carihuá mahaná (**)
Tu estás zangado comigo—Amurú querecry ahu?

(*—Ao pé da letra—Tu flechando o branco, o branco te atira.
(**)—Ao pé da letra—Tu não flechando o branco, o branco não te atira.

Tu não foste — Amurú tiofanehy
Tu não tens camisa — Amurú uana camicha
Tu tens fome?—Aiá netipiá amurú?
Vai apagando—Impiri
Vai arrancar mandioca — Tiá minhá micuacó
Vai beber café—Tiá enery café
Vai buscar—Ahu chitiami
Vai buscar flexa para mim — Tiá auchitiami maprú aufá
Vai chamar—Quiomare tiá
Vai comigo—Ahu mano consá
Vai contar—Tiá caramapory
Vai comtigo — Mucú mana assá
Vai depressa—Coxy tiá
Vai esconder-te — Tiá cotromaré
Vai fazer café — Tiá café ancarê
Vai fazer fogo—Tiá uató piamacatá
Vai já—Tiá arepory
Vai moquear—Tiá amucuatá
Vai por ali—Mutatiá
Vai ver—Nita tiá
Vai a Moura, encosta no porto e não no matto—Tiá Unepó urucuarê mahauá uruquehaquió camalalá
Vai e volta depressa — Tiá coxy uramaqui coxy
Vamos atravessar — Camaé monipunaca
Vamos comer — Camaé inhapery
Vamos comigo—Ahu mano cuná
Vamos conversar—Camanacê
Vamos embora, os brancos nos querem matar—Sabasabato carihuá cocinatô
Vamos eu te curo—Camaré ahu impinhocry
Vamos para cima—Camaé fuiá
Vamos para Manáos—Manáos ticamaé
Vamos voltar — Camaé saramaé
Vão comer—Inhapery cocory
Vapor (navio) já chegou—Tutumá nupiá
Vapor já passou — Tutumá intipieró
Vapor não chega — Tutumá ufanechy
Varre e jóga fóra—Acunau mare
Vem andando—Iuramarê
Vem buscar—Cuná aniarcó
Vem cá — Aramacú ou iauacuná
Vem cá falar comigo—Ahu iaque ne me, ou Ianacumatô ahu uranebacare
Vem conversar—Aiunaquecô
Vem depressa—Coxy cuná
Vem fazer a tua casa na beira do rio—Cuná amecare modo mahauá
Vem fazer fogo—Cuná uató piamacáquece
Vem nadando—Itapapu iaramarê
Vem por ali—Entiá cuná
Vem sentar aqui—Cocequery impiá
Vem ver—Any nequece
Venham cá — Aramacú capitê iacunú
Voz alta—Panahé coromary
Voz baixa—Penequi coromary

Numeros

Um—Unionô
Dois—Tucununá
Tres—Uruanô
Quatro—Uarinô
Cinco—Uaênemé
Seis—Carumé
Sete—Tucumuné
Oito—Ahuiacunumé

Pronomes

Eu—Ahú
Tu—Amurú
Ele—Mocó
Nós—Aha
Meu—Ahuminharany
Teu—Bominharany
Nosso—Ahaquemecó

Eu agarro Ahú apery
Tu agarras Amurú apery
Ele agarra Mocó napehy
Nós agarramos Aha napehy
Eu amarro Ahú caricare
Tu amarras Amurú ciricare
Ele amarra Mocó nexericá
Nós amarramos Ahá nemiá
Eu asso Ahú pery
Tu assas Amurú pery
Ele assa Mocó nepiá
Nós assamos Ahá nepry
Eu bebo Ahú ienery
Tu bebes Amurú ienery
Ele bebe Mocó nepiá
Nós bebemos Ahá nepiá
Eu carrego Ahú onecry
Tu carregas Amurú onecry
Ele carrega Mocó naiá
Nós carregamos Ahá naiá
Eu como Ahú nepery
Tu comes Amurú nhapery
Ele come Mocó ninhapepiahá
Nós comemos Ahá ninhapepiá
Eu corto Ahú xiquiare
Tu cortas Amurú xiquiare
Ele corta Mocó nexiquiare
Nós cortamos Ahá nexiquiano
Eu amollo Ahú itory
Tu amollas Amurú itory
Ele amolla Mocó itory
Nós amollamos Aha itory
Eu arranco Ahú miquary
Tu arrancas Amurú miquary
Ele arranca Mocó miquary
Nós arrancamos Ahá miquary
Eu bato Ahú miocare
Tu bates Amurú miocare
Ele bate Mocó mioçare
Nós batemos Ahá nhocare
Eu bebi Ahú sembiahu
Tu bebeste Menpi amurú
Ele bebeu Mocó nepiá
Nós bebemos Ahá ne empiá
Eu cavo Ahú amiquearê
Tu cavas Amurú amiquiacó
Ele cava Mocó namequié
Nós cavamos Ahá namiquié
Eu comi Ahú cimbiahú
Tu comeste Amurú nembiamocó
Ele comeu Mocó nembiá
Nós comemos Ahá neniapipiá
Eu deito Ahú cumarê
Tu deitas Amurú cumarê
Ele deita Mocó cumarê
Nós deitamos Ahá cumarê
Eu derribo Ahú apostory
Tu derribas Amurú aquetory
Ele derriba Mocó naquetory
Nós derribamos Ahá naquetiá
Eu desembarco Ahú cucuarê
Tu desembarcas Amurú cucuare
Ele desembarca Mocó cucuare
Nós desembarcamos Ahá cucuare
Eu embarco Ahú cuery
Tu embarcas Amurú cuery
Ele embarca Mocó cuery
Nós embarcamos Ahá cuery
Eu encosto Ahú uruquarê
Tu encostas Amurú uruquarê
Ele encosta Mocó uruquarê
Nós encostamos Ahá uruquarê
Eu faço Ahú amecarê
Tu fazes Amurú amecarê
Ele faz Mocó amecauê
Nós fazemos Ahá nemeque
Eu falo Ahú uranabacary
Tu falas Amurú uranabacary
Ele fala Mocó uranabacary
Nós falamos Ahá uranabacary
Eu flexo Ahú biquarê
Tu flexas Amurú biquarê
Ele flexa Mocó biquarê
Nós flexamos Ahá nebicuê
Eu descanso Ahú piquearê
Tu descansas Amuru piquearê
Ele descansa Mocó nepiquearê
Nós descansamos Ahá nepequê
Eu durmo Ahú concry
Tu dormes Amurú concry

Eu viro	Ahú acumiary
Tu viras	Amurú acumiary
Ele vira	Mocó acumiary
Nós viramos	Ahá acumiary
Eu tenho	Ahú nianu
Tu tens	Amurú nianu
Ele tem	Mocó ianu
Nós temos	Ahá ianu
Eu varro	Ahú acanare
Tu varres	Amurú acanare
Ele varre	Mocó acanare
Nós varremos	Ahá nequeny
Eu vi	Ahú anecarê
Tu viste	Amurú anecarê
Ele viu	Mocó necarê
Nós vimos	Ahá necarê
Eu vou	Ahú uçã
Tu vaes	Amurú moçá
Ele vae	Mocó onsá
Nós vamos	Ahá ansá

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura